

Dossiê

Inventário participativo

“Também somos patrimônio e não saímos daqui”
COMUNIDADE CEDRO NOVO – QUIXADÁ/CE



Organização do Dossiê

Emilio Pontes,
Caio Maciel,
Dirceu Cadena



Dossiê

Inventário participativo

“Também somos patrimônio e não saímos daqui”
COMUNIDADE CEDRO NOVO – QUIXADÁ/CE

Organização do Dossiê

Emilio Pontes, Caio Maciel, Dirceu Cadena

Natal/RN, 2026

Catálogo na Publicação

Pontes, Emilio (org).

Dossiê inventário participativo: “também somos patrimônio e não saímos daqui”: comunidade Cedro Novo – Quixadá/CE / organização: Emilio Pontes, Caio Maciel, Dirceu Cadena. – Quixadá, CE: Deza's, 2026. 90 p.

ISBN: 978-65-84514-41-6

1. Patrimônio cultural – Ceará. 2. Patrimônio cultural – preservação.
3. Inventário participativo. 4. Comunidades tradicionais – Quixadá (CE).
5. Cultura local – Ceará. I. Cadena, Dirceu. II. Pontes, Emilio. III. Título.

RN

CDU 930.85:719

CUTTER P152i

Larissa Inês da Costa (CRB 15/657)



Esta obra é de acesso aberto. É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e autoria e respeitando a Licença *Creative Commons* indicada



Dedicado aos moradores e moradoras
da **Comunidade Cedro Novo**

Organização do Dossiê

Emilio Pontes
Caio Maciel
Dirceu Cadena

Integrantes da equipe

Coordenação

Emilio Tarlis Mendes Pontes (IFCE), Caio Augusto Amorim Maciel (UFPE), Dirceu Cadena (UFC), Rafael Winter Ribeiro (UFRJ)

Pesquisadores

Alênio Carlos Noronha Alencar (Casa de Saberes Cego Aderaldo); Camila Freire Sampaio (IFCE).

Bolsistas de Iniciação Científica e voluntários do IFCE - Campus Quixadá/CE

Danilo Lima da Silva; Francisco Iarlei Martins Soares; Francisco Mateus Nogueira Pinheiro; Jaiane Cruz Sousa; Joabe Nunes Fernandes Filho; Jobedir Holanda Ravette; José Lima Fernandes; Rita de Kássia Teixeira da Silva; Rodrigo Oliveira Soares da Silva.

Instituições participantes:

Associação de Moradores do Cedro Novo; Casa de Saberes Cego Aderaldo; Coletivo Feminista As Sertanistas; Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará - campus Quixadá; Universidade Federal do Ceará; Universidade Federal de Pernambuco.

Organização e elaboração dos mapas

Ester Claudino Gomes da Silva (UFPE) e Francisco Mateus Nogueira Pinheiro (IFCE)

Colaboradores:

Adson Rodrigo Silva Pinheiro (ICOMOS-CE); João Paulo Oliveira (E.E.F. José Jucá); Gabrielle Cifelli (UNICAMP); Maria Tereza Duarte Paes (UNICAMP); Simone Scifoni (USP); Sônia Regina Rampim Florêncio (IBRAM); Tiane Araújo de Paiva e Souza (PNCS)

Ilustração da capa

Joabe Nunes Fernandes Filho (IFCE)

Revisão

Emilio Pontes
Caio Maciel
Dirceu Cadena

Projeto gráfico e Capa

José Antonio Bezerra Junior

Recursos

Projeto n. 420924/2022-1 – “Inventário Participativo como instrumento para identificação e gestão do patrimônio cultural”, Chamada nº 40/2022 - Linha 5B - Projetos em Rede - Políticas públicas para a promoção da cultura - Pro-Humanidades 2022 – CNPQ

Período de realização

Janeiro de 2023 a dezembro de 2025

Agradecimentos especiais aos moradores do Cedro Novo

Laboratório de estudos sobre Espaço, Cultura e Política – LECgeo Núcleo Quixadá

Agradecimentos às instituições que apoiaram o Inventário Participativo

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará –
Campus Quixadá, Casa de Saberes Cego Aderaldo

Coletivo Feminista As Sertanistas, Associação de Moradores do Cedro Novo, Universidade Federal de Pernambuco, Universidade Federal do Ceará

Sumário

1. Introdução	7
1.1. Por que realizar um inventário da Comunidade Cedro Novo?	8
2. Metodologia	10
2.1. Levantamento preliminar	10
2.2. Identificação	12
2.3. Documentação	21
3. Identificação do território	25
3.1. Delimitação do território	25
3.2. Descrição histórico-geográfica do território	25
3.3. Legislação de patrimônio	29
4. Identificação de Referências Culturais	36
4.1. Celebrações	39
4.2. Saberes	41
4.3. Formas de Expressão	50
4.4. Lugares	53
4.5. Objetos	66
4.6. Edificações	71
5. Mapa Ilustrado das Referências Culturais	83
6. Referências	87

1. Introdução

O presente Dossiê é parte do projeto de pesquisa intitulado “Inventário Participativo como instrumento para identificação e gestão do patrimônio cultural”, coordenado pela Profa. Dra. Maria Tereza Duarte Paes (Unicamp/SP), com recursos do Edital de políticas públicas para a promoção da cultura, Pro-Humanidades (2022) do CNPQ.

O patrimônio cultural pode ser compreendido como a articulação entre natureza e cultura realizada por singulares modos de vida ao longo de gerações em um território específico. Através dele, grupos estreitam suas relações e apresentam suas trajetórias, experiências, vivências e identidades.

A Comunidade Cedro Novo é composta por famílias situadas nas proximidades do Açude Cedro e da Pedra da Galinha Choca, em Quixadá-CE, que estabeleceram uma relação intrínseca com os corpos hídricos e a paisagem granítica dos monólitos quixadaenses há quase um século. A partir de práticas agropecuárias e de pesca, contribuem com a conservação do local, estabelecendo uma singular convivência com o semiárido, além de prestarem serviços aos turistas e zelar pelo espaço. Apesar dessas contribuições, famílias têm sido ameaçadas de remoção, invisibilizadas das políticas de patrimonialização, classificadas como produtoras de danos ambientais e por, supostamente, ocuparem uma área de risco. Diversas ações e projetos constroem essas ideias através de práticas variadas, incluindo notificações de despejo, noticiadas na imprensa e divulgadas nas redes sociais¹.

Diante dessa situação, o Inventário Participativo da Comunidade Cedro Novo surge como uma possibilidade para os moradores: reconhecê-los como integrantes do patrimônio cultural de Quixadá; ensejar sua visibilização enquanto atores relevantes para a conservação e gestão dos bens naturais e culturais e contribuir para empoderá-los na luta pela permanência no lugar. Assim, o Inventário Participativo destaca a importância dessas famílias, a partir do levantamento das referências culturais do território indicadas por elas.

O presente documento é o dossiê das referências culturais do Cedro Novo, inventariadas a partir de três oficinas realizadas junto à comunidade, além de trabalhos de campo sistemáticos ocorridos ao longo de 2023 e 2024² que possibilitaram a construção de significativos vínculos entre os atores envolvidos nesse processo. Apesar desse documento final ter sido escrito pela equipe apresentada na metodologia, o

¹ Vide: <https://revistacentral.com.br/630-familias-do-entorno-do-acude-cedro-serao-expulsas-e-casas-demolidas-de-forma-arbitraria-pelo-dnocs/>. Acesso em 07 de julho de 2025. <https://www.youtube.com/watch?v=uP6U0o3-Ckk>. Acesso em 07 de Julho de 2025

² Alguns trabalhos de campo foram realizados em 2025 apenas para complementar informações e dirimir dúvidas surgidas na elaboração do dossiê.

texto busca expressar os desejos, interesses e vivências da comunidade, comunicados a partir de um processo de escuta e aproximação.

1.1. Por que realizar um inventário da Comunidade Cedro Novo?

A Comunidade Cedro Novo situa-se entre dois dos mais importantes geossímbolos de Quixadá, no Sertão Central cearense: o monólito conhecido como Pedra da Galinha Choca e o espelho d'água do Açude Cedro (Figura 01). Antepassados dos moradores supostamente participaram da obra de construção da barragem e a partir do início do século XX começaram a arrendar lotes para a produção rural. Atualmente, têm como fonte de renda a agricultura, a pesca e a oferta de serviços para turistas que percorrem as trilhas para os monólitos e a área do entorno do barramento. Apesar disso, são famílias historicamente invisibilizadas das políticas de proteção e valorização do patrimônio cultural e natural de Quixadá, encontrando-se praticamente sem assistência, nos últimos anos, do Departamento Nacional de Obras Contra a Seca (DNOCS), órgão responsável pela área.

Apesar de terem sua existência textualmente reconhecida pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) em 1984³, os moradores do Cedro Novo não foram incluídos nas ações de preservação relacionadas ao Açude Cedro. De modo similar, a proximidade com a Pedra da Galinha Choca, inserida em uma Unidade de Conservação em 2002⁴, tampouco foi suficiente para o reconhecimento da comunidade como importante para a preservação do bem.

A necessidade de realizar um inventário torna-se mais urgente quando projetos diversos reforçam entendimentos dicotomizados entre bens culturais/naturais e as populações residentes no entorno. Em determinados momentos, as ações do IPHAN e da Secretaria de Meio Ambiente e Mudança do Clima do Ceará (SEMACE) executaram suas práticas a partir de concepções puristas de patrimônio e natureza⁵.

³ IPHAN. Açude do Cedro no Ceará. 4ª Superintendência Regional do Iphan/CE. Processo: nº 1082-T-83, Julho de 1984, 89 p.

⁴ CEARÁ. Decreto estadual nº 26.805, 25 de outubro de 2002. Criação da Unidade de Conservação Estadual intitulada: Monumento Natural dos Monólitos de Quixadá (MNMQ). Edição estadual, Ceará, 2002.

⁵ As primeiras propostas relacionadas ao projeto do Geoparque Sertão Monumental flertaram em muitos momentos com essas perspectivas. O documento pode ser consultado em https://rigeo.sgb.gov.br/bitstream/doc/21651/1/rel_geoparques_sertao.pdf. Uma reflexão sobre as essas abordagens foi apresentada em Cadena, Maciel e Pontes (2024)

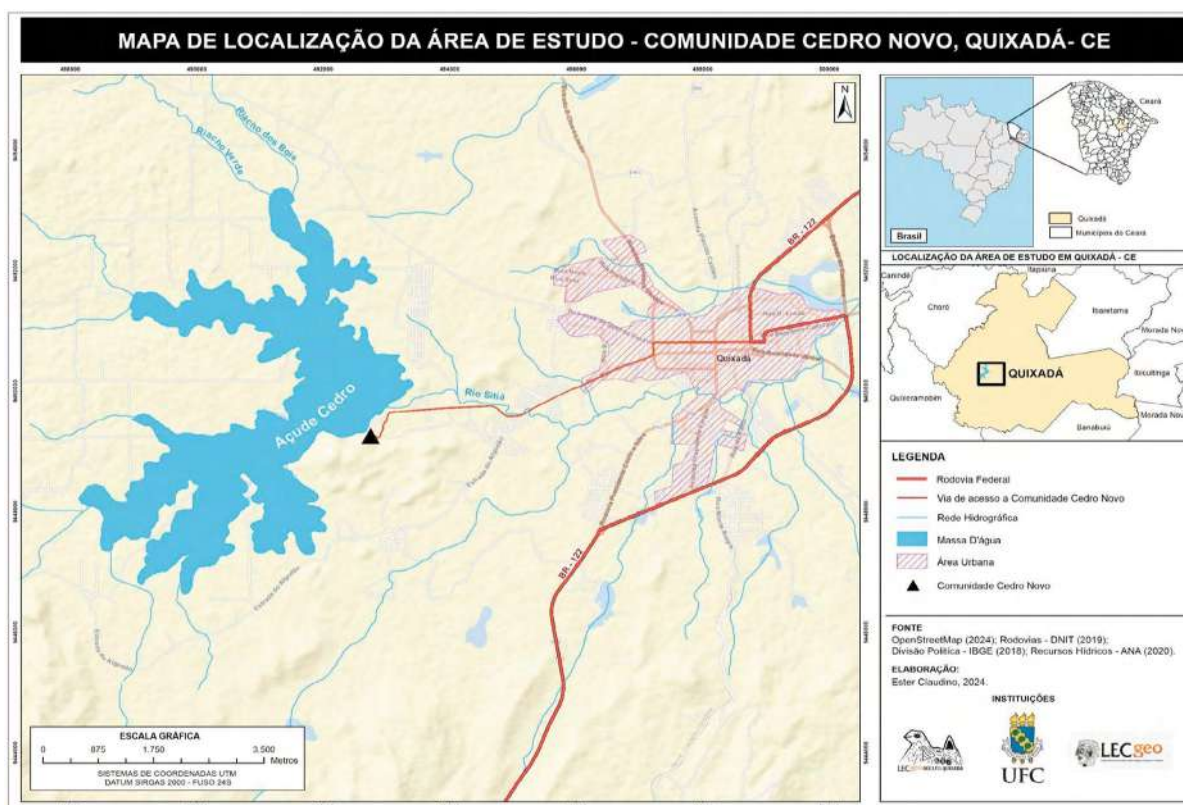


Figura 01: Mapa de localização da área de estudo.

Elaboração: Ester Claudino, 2024

A proposta do inventário aparece, portanto, em um contexto de ameaças à permanência da comunidade em seu território. Diversas notificações de despejos foram enviadas aos moradores com o argumento da realização do esbulho parcial da área do Açude Cedro, devido à existência de casas ou “puxadinhos” em alvenaria, o que é interdito pelo DNOCS.

Por outro lado, nos contatos com a comunidade, foi destacada a mútua relação existente com as instituições de ensino presentes no território há cerca de duas décadas (IFCE e UFC), mediante a afirmação de que todas são Cedro Novo, uma vez que há troca de saberes que contribuem para a formação de suas identidades.

2. Metodologia

A elaboração deste Inventário Participativo adota como fundamento inicial a metodologia desenvolvida pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) apresentada na publicação Educação Patrimonial: Inventários Participativos/ Manual de Aplicação (IPHAN, 2016). Além desses documentos, outras experiências foram importantes enquanto referenciais, como o Inventário Participativo Minhocão contra gentrificação (REPEP, 2019) e o Inventário Participativo Arouche LGBTQIA+ (Nito, 2023).

O trabalho foi desenvolvido em três grandes momentos: 1) Levantamento preliminar, 2) Identificação e 3) Documentação. A primeira fase envolve a delimitação da área, formação e capacitação da equipe, e elaboração da ficha do território a partir do levantamento de informações. A segunda fase envolve as aplicações da metodologia da mandala (REPEP, 2019), e organização do croqui preliminar. Por fim, a terceira etapa diz respeito à construção das fichas de referências, produção do croqui georreferenciado, redação desse dossiê e ações devolutivas à comunidade.

2.1. Levantamento preliminar

O levantamento preliminar teve início em março de 2023 com a própria construção do projeto Inventário Participativo como Instrumento para Identificação e Gestão do Patrimônio Cultural, submetido ao CNPq no âmbito do projeto Pró-Humanidades 2022. Naquele momento, a área com dois bens tombados pelo IPHAN foi considerada em função de sua paisagem ímpar que integra natureza e tecnologia e passa por significativas transformações ocasionadas pela instalação de campi de instituições de ensino nas proximidades.

Após a delimitação da área a ser estudada, o projeto teve início com reuniões preparatórias envolvendo os coordenadores do Núcleo Quixadá. Inicialmente foi elaborado um cronograma de ações com a organização das etapas do inventário. Em seguida, procedeu-se à seleção de três bolsistas e seis voluntários vinculados ao LECgeo no âmbito do IFCE Quixadá, mediante produção textual e entrevista on-line. Salienta-se que os discentes mobilizados eram moradores do Sertão Central Cearense e vivenciavam a dinâmica de um campus inserido no recorte espacial inventariado, sendo eles regularmente matriculados no curso de licenciatura em geografia da Instituição.

Com a equipe formada, através de reuniões on-line e presenciais, foram realizadas atividades formativas com a discussão de textos, aulas e palestras envolvendo a temática do patrimônio cultural e metodologias participativas. Em seguida, foi feito um

levantamento geral em bibliotecas, arquivos públicos e sites de internet com o objetivo de compreender a formação histórica do território, a legislação patrimonial incidente, a caracterização socioeconômica, as políticas e projetos existentes na área, bem como a identificação dos sujeitos atuantes no território. Nesse momento, também tiveram início os primeiros trabalhos de campo, técnica realizada sistematicamente ao longo de todo o projeto.

Nesse momento a questão fundiária envolvendo o Cedro Novo e o DNOCS surgiu como pauta e o grupo social dos moradores foi considerado como central para a problemática. A partir disso, contatos regulares passaram a ser estabelecidos, bem como foi realizado um levantamento quantitativo das famílias residentes em parcela do Cedro Novo. Com base nesse levantamento direto, foi constatado que na área entre o Bar da Mangueira e o início da trilha da Pedra da Galinha Choca, residem cerca de 70 moradores, compondo famílias com fortes vínculos parentais, todas ligadas ao DNOCS, com renda irregular relacionada às atividades de pequenos comércios, agricultura ou pesca. Após o desenvolvimento do trabalho, contudo, os próprios moradores destacaram a necessidade de expandir a área para reconhecer como Cedro Novo uma maior extensão (Figura 02), incluindo lotes a montante e jusante do barramento. A partir desses dados, uma Ficha do Território foi elaborada, com as informações apresentadas no capítulo 3 deste dossiê.

A finalização dessa etapa ocorreu com a realização de uma Oficina de Capacitação da equipe na Aplicação da Mandala, realizada na Casa de Saberes Cego Aderaldo (Quixadá) em junho de 2023. Em seguida, um evento de apresentação prévia dos resultados da pesquisa foi realizado em São Luís (MA) no mês de agosto, quando houve troca de diálogos com os grupos responsáveis pelos inventários em outras localidades.

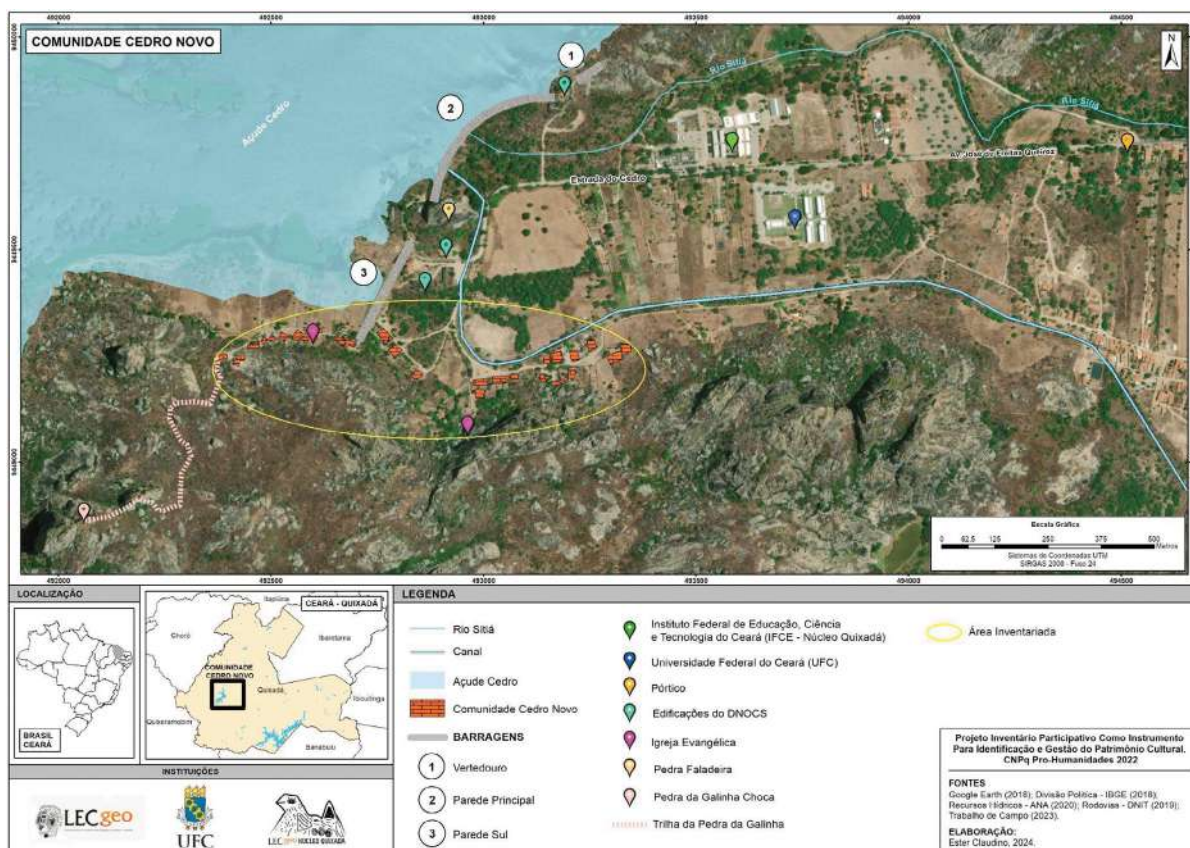


Figura 02: Mapa da área inventariada.
Elaboração: Ester Claudino, 2024.

2.2. Identificação

Nessa etapa, realizada entre julho e junho de 2024, foram aprofundadas as informações coletadas na fase anterior, a partir da aproximação direta com os grupos sociais identificados e técnicas de oficinas participativas. Adotou-se para o desenvolvimento do presente projeto a ideia de que os moradores não seriam apenas informantes, mas intérpretes do seu patrimônio cultural. Com base nisso, foi aplicada a metodologia da mandala em três encontros com os moradores do Cedro Novo, com base na experiência do Grupo de Trabalho Baixo Centro da Rede Paulista de Educação Patrimonial (REPEP, 2019). Tornou-se necessário um amplo trabalho de mobilização da comunidade para além dos interlocutores iniciais e com base no interconhecimento dos moradores, de modo a garantir uma expressiva participação e esclarecimentos sobre o inventário. Desse modo, a primeira oficina contou com a presença de 20 moradores.

A execução da Mandala foi iniciada com a prévia explicação sobre as referências culturais e da questão norteadora que instigou a produção do inventário. A mesma é composta por sete cones de sinalização de trânsito (75 cm altura) sendo um central

e seis circundando-o. Em cada cone havia uma placa de madeira (30 x 20cm) onde estava escrito o nome de uma referência cultural que se articula com o cone central cuja placa continha o nome Cultura. Nos demais estavam: formas de expressão, celebrações, objetos, celebrações, saberes e edificações (figura 03).

A equipe foi composta por um facilitador da dinâmica e quatro a cinco participantes que auxiliaram nos elementos da mandala. A seguir, foram distribuídos papéis e pincéis e foi pedido que cada um escrevesse seu nome e uma palavra referente à questão norteadora. Pessoas iletradas foram assistidas por monitores, que escreveram as palavras ditadas pelos participantes nos recortes de cartolina. As fichas foram recolhidas e entregues ao facilitador que começou a identificar os temas em comum. Após isso, foi solicitado um comentário sobre a referência cultural, em qual categoria deveria ser fixada e a possibilidade de conexão com outras referências. É quando a teia começa a ser organizada. Caso surgisse outra nova categoria, era necessário escrever numa folha e fixar nas placas ou inserir outro cone.



Figura 03: Mandala de referências culturais na comunidade Cedro Novo, Quixadá - CE.

Autoria: Jobedir Ravette, 2023.

Após a fixação das referências indicadas pelos moradores, o facilitador passou a questionar quais outras pessoas poderiam participar desse momento. A partir de

então, a equipe elaborou uma breve síntese da discussão, mapeou os atores e realizou os encaminhamentos a partir do que foi indicado pela comunidade. Destacou-se a importância de um membro haver realizado a atividade de relatoria dos eventos e a gravação da dinâmica, para fidedignidade das anotações. Ressalta-se que a aplicação das mandalas sofreu adaptações por sugestão da própria comunidade e por dificuldades encontradas na efetivação do modelo com os cones e cartões, como descrito a seguir.

a) Primeira Mandala

A primeira oficina com a técnica da mandala ocorreu com os moradores da Comunidade Cedro Novo e a equipe de execução no dia 07 de outubro de 2023 no alpendre da casa do casal Fábio Pinheiro e Iza Soares. Nesse encontro, o método com o uso dos cones foi aplicado em sua integralidade e sem adaptações (figura 04).



Figura 04: Execução da Mandala de referências culturais na comunidade Cedro Novo, Quixadá- CE.

Autoria: Jobedir Ravette, 2023.

A equipe chegou ao local por volta das 08:30h e procedeu a montagem da mandala, iniciando a atividade às 10h. Após breve apresentação do projeto e um diálogo sobre referências culturais, os trabalhos iniciaram com a pergunta: “o que você considera como patrimônio cultural da comunidade?”. As categorias casa/lugar/família e os

referentes edificação/lugar foram evidenciados por quase todos como discurso para reafirmar seu direito de permanecerem ali, apontando o sentido de comunidade, ancestralidade e memória, ressaltando que sua permanência seria um fator significativo para a preservação do espaço.

Em certo ponto, uma fala proferida por Cláudia Maria marcou bastante todos os presentes ao ser repetida quase como um mantra: “não somos invasores, e não saímos daqui!”. Diante do contexto de ameaças de remoção e ao final da aplicação da mandala, os moradores complementaram a frase, dizendo: “também somos patrimônio e não saímos daqui”. A afirmação foi escolhida como título do presente dossiê.

Sobre a metodologia surgiram algumas reflexões críticas por parte da equipe, como por exemplo, o fato da mandala ter sido previamente montada no alpendre. Supõe-se que a estrutura dos cones possa ter intimidado alguns participantes. Uma segunda ponderação ocorreu devido à exigência metodológica de escrever em fichas sem levar em conta a possibilidade da presença de pessoas com diferentes níveis de alfabetização, o que de fato ocorreu, demandando ajuda de terceiros para preencher as fichas. A terceira consideração emergiu da observação que mulheres ficaram relativamente tímidas em suas falas, aspecto que orientou a aplicação da segunda mandala, dedicada especificamente ao público feminino.

Ao final da aplicação da Oficina, houve um conagraçamento entre a equipe do Inventário e os moradores que ofertaram um almoço, propiciando uma tarde de descontração e contatos informais que foram de suma importância para a sequência do projeto.

b) Segunda Mandala

Na tarde de sábado do dia 11 de novembro de 2023, o Coletivo Feminista As Sertanistas⁶, em parceria com o LECgeo, realizou a aplicação da segunda mandala, que ficou nomeada como “Ciranda de Mulheres do Cedro Novo - Memória e patrimônio, tecendo a resistência”, cujo objetivo foi conhecer as moradoras da comunidade e entender quais eram as suas concepções sobre os patrimônios da área onde habitam.

A reunião realizou-se novamente no terraço da casa dos moradores Fábio Pinheiro e Iza Soares, contando com a presença de nove mulheres e duas crianças da comunidade e cinco membros da equipe. Salieta-se que o Coletivo optou em dinamizar o encontro sem os cones, porém mantendo uma técnica de mandala que costuma utilizar em outras experiências, constando em um tecido de chita estendido no chão, onde se colocavam as tarjetas de cartolina com as referências escritas pelas participantes (Figura 05).

⁶ Coletivo feminista do IFCE campus Quixadá, formado por alunas e servidoras que buscam estudar, refletir e promover o debate e o combate a toda forma de preconceitos, discriminação, assédio contra as mulheres. Para mais informações recomenda-se o instagram do grupo: @assertanistas



Figura 05: Mandala feminina na Comunidade Cedro Novo, Quixadá-CE.

Autoria: Rita de Kassia, 2023.

Inicialmente, procedeu-se a dinâmica da rosa, uma estratégia de apresentação para gerar empatia e coesão no grupo, consistindo em que cada participante tomasse uma flor de papel fechada com mensagens escritas pela equipe e, ao colocá-la na bacia d'água, fossem surpreendidas com os termos ali colocados. Nesse momento, a partir do conteúdo sugerido, as mulheres se apresentaram e falaram sobre a palavra revelada em suas flores e, principalmente, sobre a sua relação com o Cedro Novo (Figura 06).

Em seguida, Camila Sampaio e Rita de Kássia mediarão o segundo momento da atividade: a mandala dos referentes culturais propriamente dita. As moradoras responderam à seguinte questão: o que é patrimônio para você enquanto mulher moradora do Cedro Novo? A partir disso, elas compartilharam as suas vivências do local, demonstrando o sentido e o significado da cultura criada e experienciada por elas, suas famílias e a comunidade, usando fichas e livre expressão oral.



Figura 06: Dinâmica da rosa durante mandala feminina na Comunidade Cedro Novo, Quixadá-CE.
Autoria: Rita de Kássia, 2023

c) Terceira Mandala

A terceira e última oficina realizou-se na noite de 16 de novembro de 2023, concomitante a uma reunião ordinária da Associação Comunitária Cedro Novo no alpendre do Bar da Mangueira (Figura 07), contando com a presença de cinco integrantes do projeto e 20 habitantes, inclusive vários que estiveram presentes na primeira mandala. É mister ressaltar que esse local é usado ordinariamente para tais encontros, tendo sido sugerido pelos próprios moradores. Após os assuntos internos dos associados, a equipe teve seu espaço de fala, se apresentou e passou para a explanação sobre os objetivos da dinâmica e o diálogo sobre as referências culturais. Os presentes optaram por não montar os cones, realizando uma roda de conversa, sem prejuízo dos objetivos, sendo que a equipe realizou as anotações.



Figura 07: Terceira Mandala na comunidade Cedro Novo, Quixadá-CE.

Autoria: Emilio Pontes, 2023.

No decorrer da conversa, foram surgindo novas referências culturais como os galpões e as mangueiras do antigo balneário do DNOCS e a importância delas na vida dos moradores que usufruíram daquele espaço. Outrossim, conseguiu-se ainda tirar dúvidas que surgiram nas outras mandalas, a exemplo de como era realizada a pesca artesanal no açude. Nesta terceira oficina percebeu-se que os moradores estavam mais à vontade para falar com a equipe, pois construiu-se uma relação mútua de respeito.

d) Elaboração de Croquis das Referências

A finalização da etapa de aplicação das mandalas ocorreu com a preparação das Fichas das Referências Culturais e elaboração de um croqui de identificação à mão livre (Figura 08). A elaboração das fichas foi realizada pela análise das informações coletadas nas oficinas anteriormente descritas e com identificação de 20 referências culturais, articuladas às categorias propostas no manual do IPHAN (2016). Cada ficha conta com uma descrição da referência, elaborada pela equipe de pesquisadores e validada/corrigida pela comunidade. Com base nesse diálogo, um primeiro croqui foi produzido.

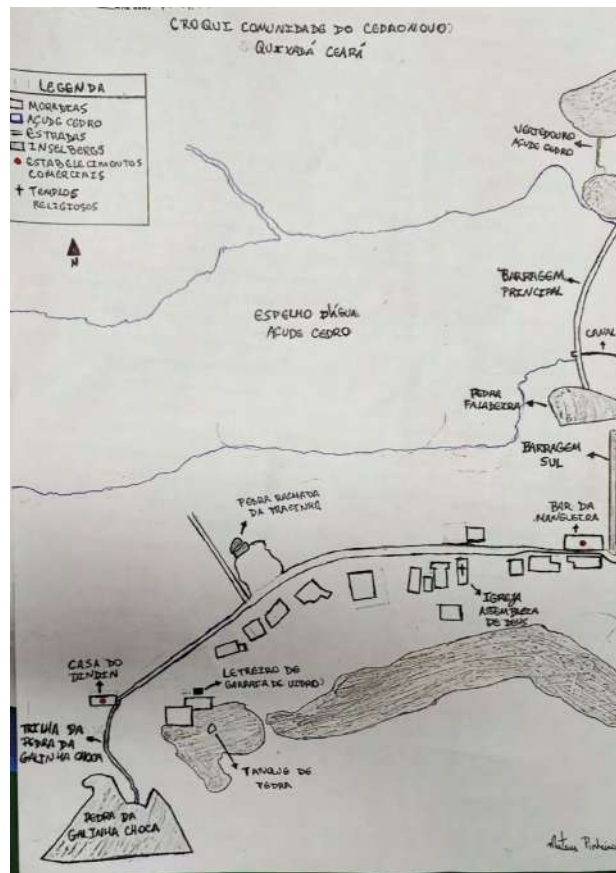


Figura 08: Primeiro Croqui realizado à mão livre.
Elaboração: Mateus Pinheiro, 2023.

O croqui da comunidade Cedro Novo foi construído a partir de um processo predominantemente de desenho livre, com ênfase na percepção espacial direta, no diálogo com os moradores e na interpretação pessoal das paisagens e usos do território. Diferente de um mapeamento georreferenciado e digital, esta representação foi elaborada em dois momentos: a primeira fase de forma manual, com uma base de desenho livre, sem uso de escalas gráficas precisas ou softwares de geoprocessamento. Na segunda fase, foram construídos símbolos digitalmente e adicionados ícones previamente desenhados à mão, representando os principais elementos identificados na comunidade.

A base do croqui foi desenvolvida durante as visitas de campo realizadas à comunidade no período de 2023 e 2024, onde foram observados os principais elementos que estruturam o espaço vivido dos moradores. O esboço foi feito in loco a partir da análise do território, o qual foi posteriormente organizado graficamente em uma folha A3, utilizando lápis de cor e canetas hidrográficas para diferenciar as categorias dos ícones e enfatizar os elementos simbólicos relevantes para a comunidade.

O Google Earth foi utilizado como apoio auxiliar, servindo de referência para a orientação geral do território e localização relativa de alguns marcos importantes,

como algumas edificações, vias de acesso, áreas de vegetação e corpos hídricos. No entanto, o desenho final priorizou a vivência e a narrativa local com o enfoque nas referências culturais e não a precisão métrica de uma escala precisa. O croqui buscou dar visibilidade a elementos que muitas vezes são desconsiderados em representações mais técnicas, a partir das referências indicadas pelos moradores a partir das mandalas. A escolha da disposição espacial dos elementos foi orientada pela lógica local e pela frequência com que foram mencionados ou apontados durante as conversas com os moradores.

A ausência de uma escala gráfica convencional foi intencional, para transmitir a lógica interna do espaço vivido, e não apenas sua dimensão territorial. O croqui inclui, no entanto, uma indicação do Norte geográfico, e uma legenda com todas as referências que aparecem (Figura 09). O resultado final foi um croqui interpretativo e simbólico da comunidade, que serve não apenas como instrumento de localização, mas também como expressão gráfica da memória, das práticas cotidianas e da territorialidade e como identificação própria dos moradores do Cedro Novo.

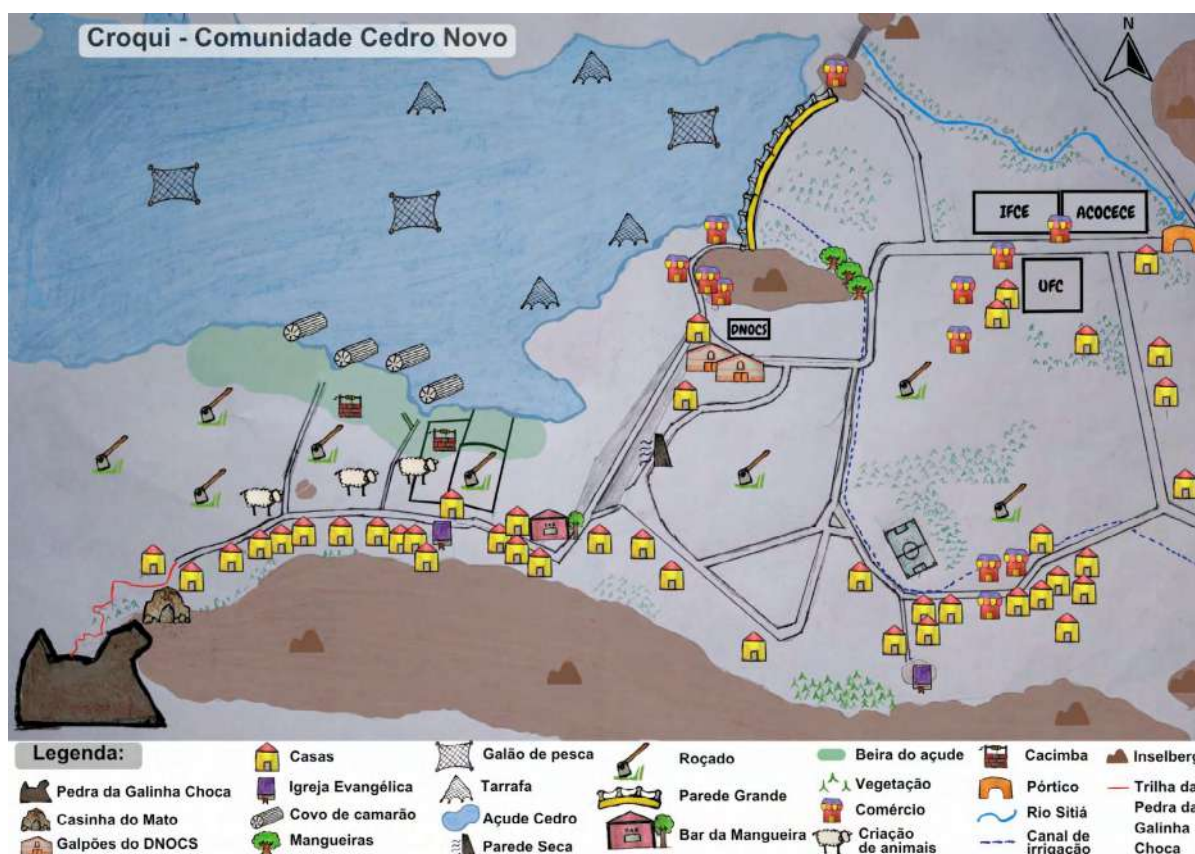


Figura 09: Croqui à mão livre produzido a partir dos trabalhos de campo e das oficinas de mandala junto à comunidade.

Elaboração: Mateus Pinheiro e Ester Claudino, 2025.

2.3. Documentação

A etapa final de realização do Inventário representou a sistematização das informações, dados e referências culturais e a redação do presente dossiê incluindo um Croqui Georreferenciado produzido com base na representação visual desenvolvida à mão livre previamente comentada (Figura 09). Assim, os elementos selecionados para compor o croqui georreferenciado estão diretamente relacionados ao conjunto de referências culturais indicadas pelo manual do IPHAN, simbolizando os aspectos indicados pela própria comunidade. São eles (Figura 10):

	Casas		Comércio
	Criação de Animais		Parede Grande
	Cacimba		Igreja Evangélica
	Bar da Mangueira		Roçado
	Pedra da Galinha Choca		Parede Seca
	Covo de Camarão		Galão de Pesca
	Tarrafa		Mangueira
	Campo de Futebol		Casinha do Mato
	Galpões		

Figura 10: Lista de elementos do Croqui.

Elaboração: Ester Claudino e Mateus Pinheiro, 2025

Além desses, também foram representadas por pontos as localizações do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará – campus Quixadá (IFCE), da Universidade Federal do Ceará (UFC) - campus Quixadá, da Associação dos Criadores de Ovinos e Caprinos do Estado do Ceará (ACOCECE), e uma base de apoio do Departamento Nacional de Obras Contra as Secas (DNOCS).

Os elementos ambientais, como o Açude Cedro, a beira do açude, as áreas de inselbergs e de vegetação foram representados por polígonos. Já a hidrografia, os canais de irrigação e a trilha de acesso à Pedra da Galinha Choca foram representados

por linhas. A elaboração do croqui georreferenciado foi realizada por meio do software livre de geoprocessamento QGIS, com o suporte do Google Earth como ferramenta complementar para validação da localização dos elementos. A base de dados foi construída com informações obtidas em campo, incluindo observações diretas, registros fotográficos e diálogos sistemáticos com os moradores, além do uso de shapefiles da divisão política, vegetação, geomorfologia e hidrografia fornecidos pelo IBGE (2022). Como base cartográfica de fundo, foi utilizada a plataforma OpenStreetMap (2024).

O sistema de referência adotado foi o Sistema de Referência Geocêntrico para as Américas (SIRGAS2000), com o uso da projeção UTM, zona 24S, adequada à localização geográfica do estado do Ceará. A composição do croqui inclui a escala gráfica, a orientação geográfica (seta indicando o Norte) e os mapas de localização estadual e municipal. Foi produzido um arquivo em formato JPEG contendo o croqui georreferenciado da comunidade Cedro Novo, reunindo as informações espaciais e simbólicas levantadas em campo e organizadas cartograficamente. O resultado apresenta, de forma integrada, os elementos naturais, sociais e institucionais do espaço, estruturados em camadas vetoriais (pontos, linhas e polígonos), com simbologia personalizada e legendada (Figura 11). Em seguida, são apresentados de forma concisa os trabalhos de campo realizados ao longo do inventário (Quadro 01).

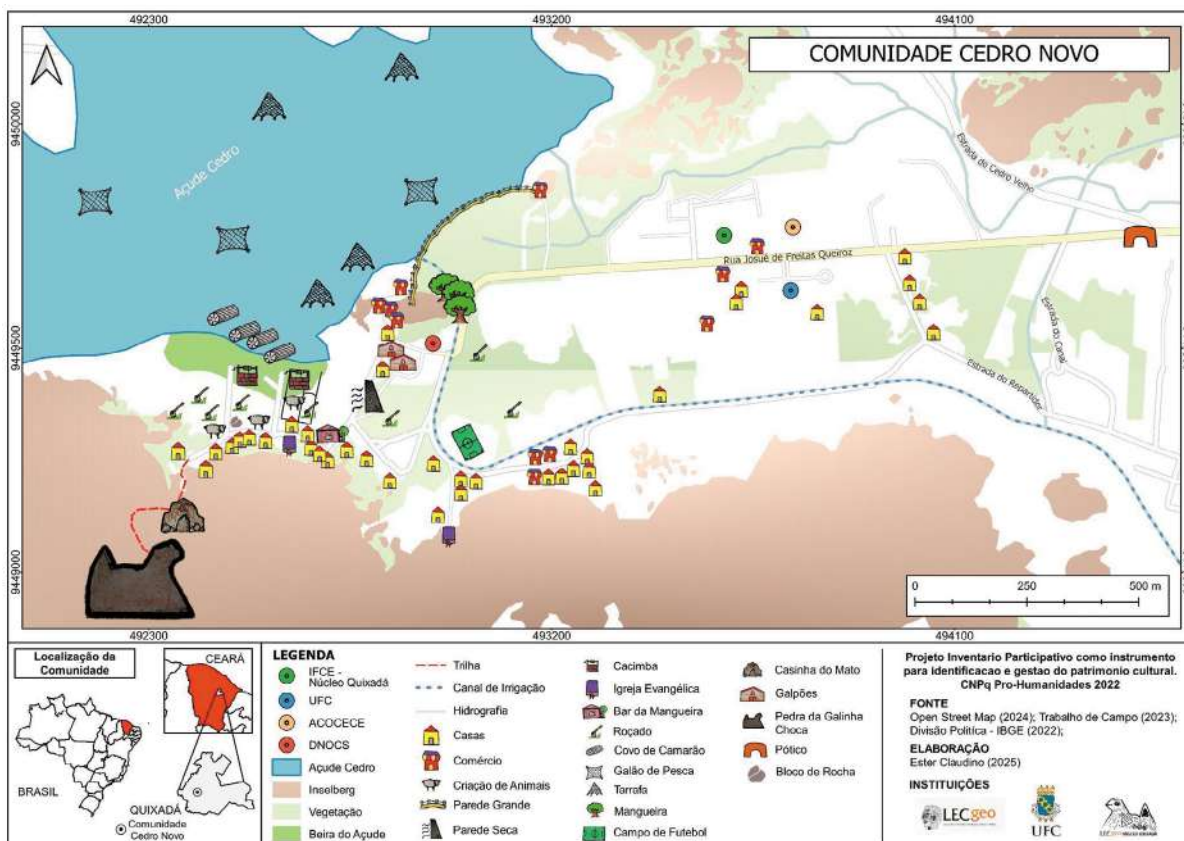


Figura 11: Croqui Georreferenciado da Comunidade Cedro Novo.

Elaboração: Ester Claudino, Mateus Pinheiro e Moradores do Cedro Novo, 2025.

Quadro 01: Trabalhos de campo

Campos	Data	Atividades desenvolvidas	Participantes
1	25/03/23	Conhecendo a área patrimonializada.	Mateus Pinheiro, Rita de Kássia, Dirceu Cadena, Emílio Pontes, Jobedir Ravette, Jaiane Sousa, José Lima e Rodrigo Soares.
2	15/04/23	Mapeando os atores.	Emílio Pontes, Jobedir Ravette, Jaiane Sousa, José Lima e Rodrigo Soares.
4	28/05/23	Trilha da Galinha Choca e reunião do núcleo sobre o projeto no bar da Mangueira.	Rafael Winter, Caio Maciel, Iarlei Soares, Joabe Fernandes, Alênio Alencar, Mateus Pinheiro, Rita de Kássia, Dirceu Cadena, Emílio Pontes, Jobedir Ravette, Jaiane Sousa, José Lima e Rodrigo Soares.
5	02/07/23	Visita das coordenadoras do projeto à comunidade.	Rita de Kássia, Caio Maciel, Rodrigo Soares, Emílio Pontes, Sônia Rampim, Simone Scifone, Gabrielle Cifelli, Teresa Paes, Jaiane Sousa e Dirceu Cadena.
6	11/08/23	Conversa com moradores.	Emílio Pontes, Mateus Pinheiro e Rodrigo Soares.
7	12/08/23	Conversa com moradores.	Rita de Kássia e Rodrigo Soares.
8	13/08/23	Conversa com moradores.	Rodrigo Soares e Rita de Kássia.
9	14/08/23	Conversa com moradores.	Jobedir Ravette, Jaiane Sousa, Mateus Pinheiro, Iarlei Soares e Rodrigo Soares.
10	15/08/23	Coleta de dados iconográficos.	Jaiane Sousa e Mateus Pinheiro.
11	16/08/23	Conversa com moradores.	Jobedir Ravette, Jaiane Sousa, Mateus Pinheiro, Iarlei Soares e Rodrigo Soares.
12	15/09/23	Aplicação do senso e mapeamento com o croqui.	Jobedir Ravette, Rita de Kássia, Iarlei Soares, Rodrigo Soares, Danilo Lima e Mateus Pinheiro.
13	06/10/23	Ida dos coordenadores à comunidade.	Dirceu Cadena, Emílio Pontes, Caio Maciel e Iarlei Soares.
14	07/10/23	Aplicação da metodologia da mandala.	Danilo Lima, Jobedir Ravette, Dirceu Cadena, Emílio Pontes, Caio Maciel, Iarlei Soares, José Lima, Rita de Kássia, Mateus Pinheiro.
15	23/10/23	Coleta de dados com os moradores.	Danilo Lima e Rita de Kássia.
16	11/11/23	Aplicação da metodologia da mandala.	Camila Sampaio, Rita de Kássia, Caroline Diniz, Karla Moraes e Lorena Débora.

17	16/11/23	Aplicação da metodologia da mandala.	Jobedir Ravette, Iarlei Soares, Rita de Kássia, Emílio Pontes, Rodrigo Soares e Mateus Pinheiro.
18	30/11/23	Conversa com os moradores e coleta de dados iconográficos.	Jobedir Ravette, Iarlei Soares, Rita de Kássia, Emílio Pontes, Rodrigo Soares, Dirceu Cadena, Caio Maciel, Danilo Lima, Flávio Medeiros, Joabe Fernandes, Adson Pinheiro e Mateus Pinheiro.
19	07/01/24	Conversa com os moradores.	Jobedir Ravette, Rita de Kássia, Mateus Pinheiro, Rodrigo Soares e Iarlei Soares.
20	07/02/24	Conversa com os moradores e coleta de dados iconográficos.	Jobedir Ravette, Rita de Kássia, Mateus Pinheiro, Rodrigo Soares e Iarlei Soares.
21	13/03/24	Mapeamento de novos pontos para a elaboração do croqui.	Jobedir Ravette, Rita de Kássia, Mateus Pinheiro, Emílio Pontes e João Emanuel.
22	15/03/24	Mapeamento total da área do Cedro Novo e conversa com os moradores.	Jobedir Ravette, Rita de Kássia, Mateus Pinheiro, Rodrigo Soares e Iarlei Soares.
23	17/03/24	Conversa com os moradores e coleta de dados iconográficos.	Rodrigo Soares.
24	18/04/24	Conversa com os moradores.	Jobedir Ravette, Rita de Kássia, Iarlei Soares, Emílio Pontes e Dirceu Cadena e Mariana Brito.
25	25/04/24	Apresentação do projeto para alunos da URCA na comunidade.	Iarlei Soares, Mateus Pinheiro e Danilo Lima.
26	18/06/24	Campo na comunidade, entrevista com líder da Associação dos moradores	Rafael Winter, Daniel Azevedo, Emílio Pontes, Mateus Pinheiro, Iarlei Soares, José Lima e Jobedir Ravette.
27	15/08/24	Coleta de material fotográfico para Dossiê Final	Mateus Pinheiro e Iarlei Soares
28	28/10/24	Coleta de material fotográfico para Dossiê Final	Emilio Pontes e Mateus Pinheiro

Fonte: elaboração própria.

3. Identificação do território

3.1. Delimitação do território

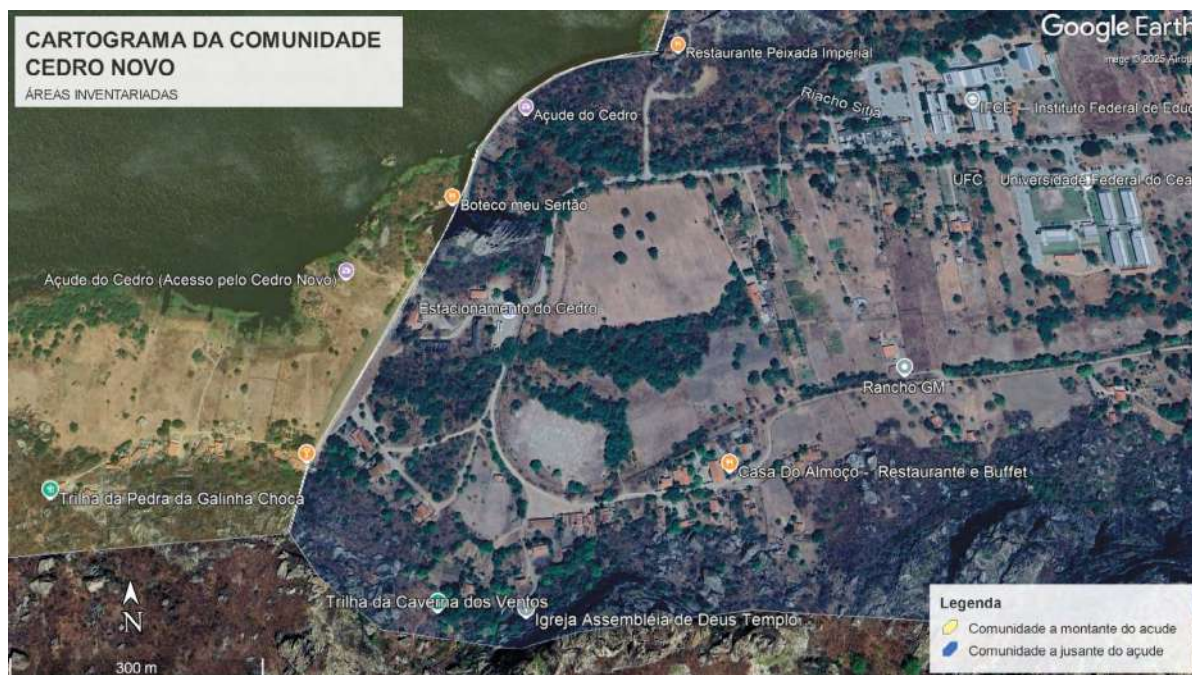


Figura 12: Cartograma da Comunidade Cedro Novo, Quixadá-CE.
Autoria: Mateus Pinheiro, 2025.

3.2. Descrição histórico-geográfica do território

Quixadá, localizado no Sertão Central cearense, vem sendo ocupado desde períodos pré-históricos, como atestam as pinturas rupestres e outros vestígios arqueológicos existentes no local. A colonização europeia iniciou-se a partir do final do século XVII, partindo das áreas de produção açucareira do litoral e seguindo os leitos dos principais rios, adentrando o sertão em busca de locais para criação de gado bovino. A organização do território e da cultura se fez em torno da propriedade rural, da estrutura familiar patriarcal, das fazendas e das áreas de pastoreio (PEREIRA, 2016; SANTIAGO, 2010).

O município particulariza-se por estar inserido em um contexto monumental da paisagem sertaneja marcada por inúmeros monólitos, também conhecidos em sua feição geomorfológica como campo de inselbergs, apresentando, portanto, um cenário de rara beleza cênica de “ilhas rochosas que ocorrem em montes isolados ou aglomerados [...] ou grupos de rochas que se erguem abruptamente das planícies

circundantes” (PAULINO; GOMES; SILVEIRA, 2018, p. 182). Seu contexto histórico de ocupação territorial remete aos ciclos de interiorização do Nordeste brasileiro colonial, sobretudo da pecuária bovina — e a pujante civilização do couro — advinda das migrações e ocupações de leitos dos principais rios da região, cujos currais e caminhos de boiada geraram os primeiros povoados (AGUIAR, 1983; PEREIRA, 2010; 2016).

Em meados do século XIX, as condições que haviam permitido a sobrevivência do colonizador no semiárido brasileiro se modificaram: com o crescimento demográfico, as novas regulações sobre a terra e o avanço da cotonicultura (restringindo as antigas áreas de refúgio ou abrigo), os períodos de estiagem passaram a impactar amplamente a população da região. A seca tornou-se um problema de dimensões nacionais, e o combate a seus efeitos passou a ser objeto de políticas do Império e, posteriormente, da República (RIBEIRO, 2021). O Açude Cedro, com sua parede em arco de alvenaria de pedra, foi a primeira grande obra hidráulica moderna do continente sul-americano, projetado e construído entre 1882 e 1906. A construção incorporou o avançado progresso científico, tecnológico e do cálculo aplicado à engenharia civil à época. Projetada pelo engenheiro britânico Jules Jean Rèvy e construída por expoentes da nascente engenharia brasileira de formação politécnica, a barragem afirma-se como um exemplar excepcional do período entre a segunda metade do século XIX e início do XX (PEREIRA, 2016).

A emancipação municipal de Quixeramobim ocorreu em 1870. Com quase 15 mil habitantes, possuía então uma relevante base produtiva algodoeira. Nesse processo de elevação à cidade, foi iniciada a construção do que viria a ser um ícone no contexto de um conjunto de intervenções de políticas públicas denominado de combate às secas: o Açude Cedro, cujo canteiro de obras atraiu significativa mão de obra do entorno, cerca de 30 mil trabalhadores (PEREIRA, 2010).

Em conformidade com Costa (2002), tal empreendimento de açudagem catapultou Quixadá para uma virada econômico-cultural, tornando-a polo de atração populacional — e por sua característica histórica de desigualdade fundiária, pobreza e inserção no semiárido (exposta com veemência nos trágicos resultados sociais das longas estiagens), a cidade se conformaria de forma relativamente diversificada dos padrões urbanos contíguos.

Concomitante à construção do imponente açude, irrompe a linha férrea, relevante meio de transporte que auxiliou a superação de Quixadá em relação a Quixeramobim, de quem se emancipou, propiciando novas relações comerciais vinculadas à capital do estado, com produtos agropastoris e da incipiente produção industrial e comercial. O cultivo e beneficiamento do algodão promoveram a construção de equipamentos urbanos até então inexistentes, como escolas, casas, igrejas, espaços comerciais, estação telegráfica, bancos, telefonia, entre outros.

Na segunda metade do século XX, o núcleo já detém influência regional, sobretudo por seu poderio econômico. É quando o ciclo do algodão inicia significativo declínio. Mesmo assim, “Quixadá entrará na hierarquia urbana cearense enquanto aglomeração articulada aos demais centros (principalmente, Fortaleza) e, ao lado de Quixeramobim, polarizará o que mais tarde seria chamado de ‘região do sertão central’” (PEREIRA, 2010, p. 3). Nesse período, “as atividades econômicas sob a égide capitalista (industrialização, mercado imobiliário, prestação de serviços e comercialização) produziram o modelo de cidade contemporâneo” (PEREIRA, 2014, p. 171).

A partir da década de 1950, a configuração urbana do Ceará sofreu importantes modificações, resultante dos sucessivos contextos regionais e mundiais desde o final do século XVIII: a economia baseada na pecuária e nas charqueadas é abalada pelos constantes e longos períodos de estiagem que reduzem o rebanho bovino.

Paulatinamente, o declínio da cotonicultura e da bovinocultura, acentuado pela praga do bicudo, fez com que outras demandas fossem surgindo e dinamizando a economia municipal. Da mesma forma, o sistema ferroviário foi desativado nos anos 1980. Completando tal cenário de mudanças, a agricultura irrigada com o apoio do DNOCS inviabilizou-se pelos sucessivos colapsos hídricos e redução no aparato estatal, enquanto a chegada das primeiras instituições de ensino superior (décadas de 1970 e 1980) lançaram as sementes de uma era de renovação para a região.

No conjunto de reordenamentos econômico-territoriais na virada do século XXI “o município descobriu na educação superior uma forma de se manter como centro de convergência regional” tornando-se reconhecido enquanto cidade universitária “pela quantidade de investimentos no ensino superior que tem capitaneado” (HAIASHIDA, 2014, p. 9). Nesse contexto, foi inaugurado em 2007 o campus da Universidade Federal do Ceará (UFC) e em 2008 o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE) campus Quixadá, localizado na Área Federal do Açude Cedro sob jurisdição do DNOCS, que abriga desde 2016 o Curso de Licenciatura em Geografia.

A sede municipal apresenta, atualmente, uma estrutura urbana monocêntrica, em cujo perímetro central fixam-se as instâncias de poder, com surgimento de prédios de até cinco andares; dinâmica do setor terciário, que colabora na fixação populacional; adensamento comercial, com produtos manufaturados locais/internacionais; feiras hortifrutícolas e expansão imobiliária para diversos novos bairros e loteamentos. Outro fenômeno recente é a chegada de redes nacionais de supermercados, bancos, telecomunicações e demais bens duráveis.

Conforme Silva (2024), a área urbana tem sido gradualmente modificada por construções recentes sem preservar as características arquitetônicas específicas originais que compunham uma ocupação entre os inselbergs. O panorama da

paisagem do centro é marcado pela Pedra do Cruzeiro, que durante as últimas décadas presenciou construções ao seu redor, sobretudo do setor de comércio e serviços provocando um processo de degradação. Mesmo assim, continua sendo utilizada como mirante para contemplação de seus arredores (Figura 13). O turismo seja de caráter religioso (notadamente suscitado pelo Santuário Nossa Senhora Rainha do Sertão), esportivo (topografia propícia à prática de esportes radicais e trilhas ecológicas) e por seus atrativos locais: campo de monólitos, distrito Dom Maurício na Serra do Estêvão, Pedra da Galinha Choca e Açude Cedro.

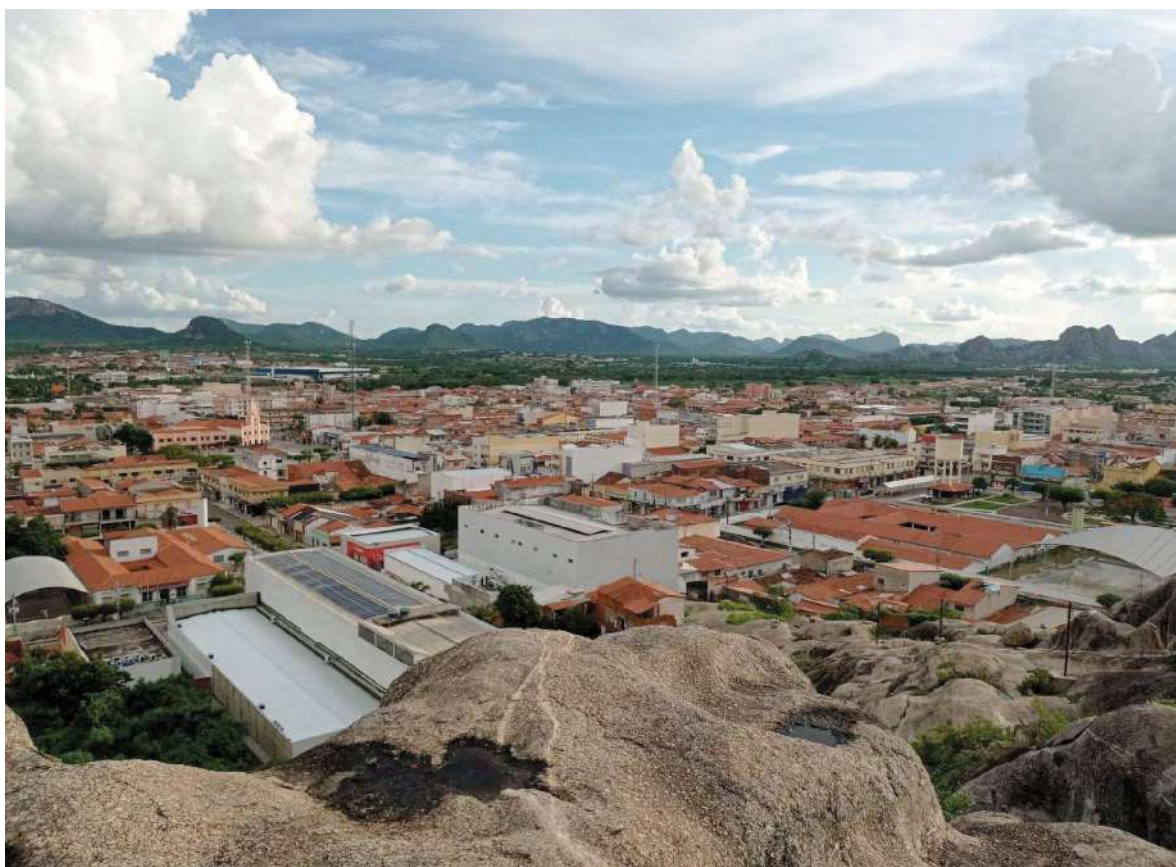


Figura 13: Panorama do Centro de Quixadá-CE visto da Pedra do Cruzeiro.

Fonte: Mateus Pinheiro, 2025.

Por fim, é preciso destacar que o Açude Cedro permanece como um marco histórico e paisagístico regional, uma vez que é uma das obras pioneiras do seu tipo e porte no mundo. Para além de sua funcionalidade de represamento d'água para irrigação, sua implantação, desenho e esmero de execução resultaram numa paisagem de beleza ímpar, combinando arrojo e elegância, monumentalidade e singeleza, em uma simbiose entre o engenho humano e a obra da natureza que anima o espírito. A paisagem formada pelos monólitos e pelo açude do Cedro é representação de elementos naturais do semiárido brasileiro e a presença do ser humano para ocupar e transformar, a partir do século XVII, esse local marcado por intensas estiagens.

O Açude Cedro iniciou uma política sistemática de represamento de águas superficiais ao longo de mais de um século por toda a região, alterando a percepção da sociedade quanto às possibilidades reais de ocupação e de sobrevivência em meio tão hostil à vida humana, devido à sistemática escassez de água. É neste contexto que está situada a comunidade Cedro Novo, cujas famílias vivenciaram desde as antigas políticas de combate à seca capitaneadas pelo DNOCS até os novos paradigmas de convivência com o semiárido.

3.3. Legislação de patrimônio

Ademais, o Açude Cedro também assume centralidade nas diversas legislações de patrimônio aplicadas em Quixadá, não apenas por ter sido o primeiro objeto a ser protegido pelo Estado no município, mas por suscitar importantes questões envolvendo o território inventariado neste dossiê.

Tombado em 1984 pelo IPHAN, o “Açude do Cedro” foi reconhecido por seu pioneirismo, significado histórico, importância técnica e artística, além da admirável beleza paisagística, como consta na Ata da 106ª reunião ordinária do Conselho Consultivo do IPHAN⁷. Na documentação envolvida no processo, é nítido que o tombamento busca valorizar a técnica e os arranjos construtivos, em detrimento dos elementos da natureza, apresentados como quadros paisagísticos que circundam o bem.

Como analisa Silva (2024), os valores atribuídos e a nomenclatura do bem tombado adotado pelo IPHAN traz uma significativa confusão sobre o que de fato está sendo preservado. Seria a água do Açude como um arranjo técnico, o paredão de pedra da barragem como obra de arte, os monólitos como elementos significativos da natureza semiárida ou a articulação entre todos esses elementos? Nesse sentido, o autor argumenta:

Ressalta-se que, na ATA da 106ª reunião ordinária do Conselho Consultivo do Iphan, o patrimônio denominado de “Açude do Cedro”, sendo a nomenclatura oficial utilizada em documentos na instituição desde então. Contudo, entendemos que a nomenclatura mais adequada deveria ser “Açude e barragem do Cedro nos monólitos de Quixadá”. Dessa forma, compreenderia o conjunto dos elementos naturais e culturais, estaria em concordância com a semântica dos termos e denotaria mais sentido à terminologia do patrimônio inscrito (SILVA, 2024, p. 155).

⁷ Documento disponível em <https://www.gov.br/iphan/pt-br/aceso-a-informacao/participacao-social/conselhos-e-orgaos-colegiados/atas-do-conselho-consultivo-do-patrimonio-cultural/de-1981-ate-1990/106a-reuniao-ordinaria-do-conselho-consultivo-28-03-1984/view>. Acesso em 09 de julho de 2025

Essa confusão torna-se mais significativa ao observar a cartografia relacionada ao tombamento do “Açude do Cedro”, onde o perímetro demarcado a partir de um “estudo agrológico” inclui o espelho d’água e uma vasta área formada por lotes sob a responsabilidade do DNOCS (Figura 14).

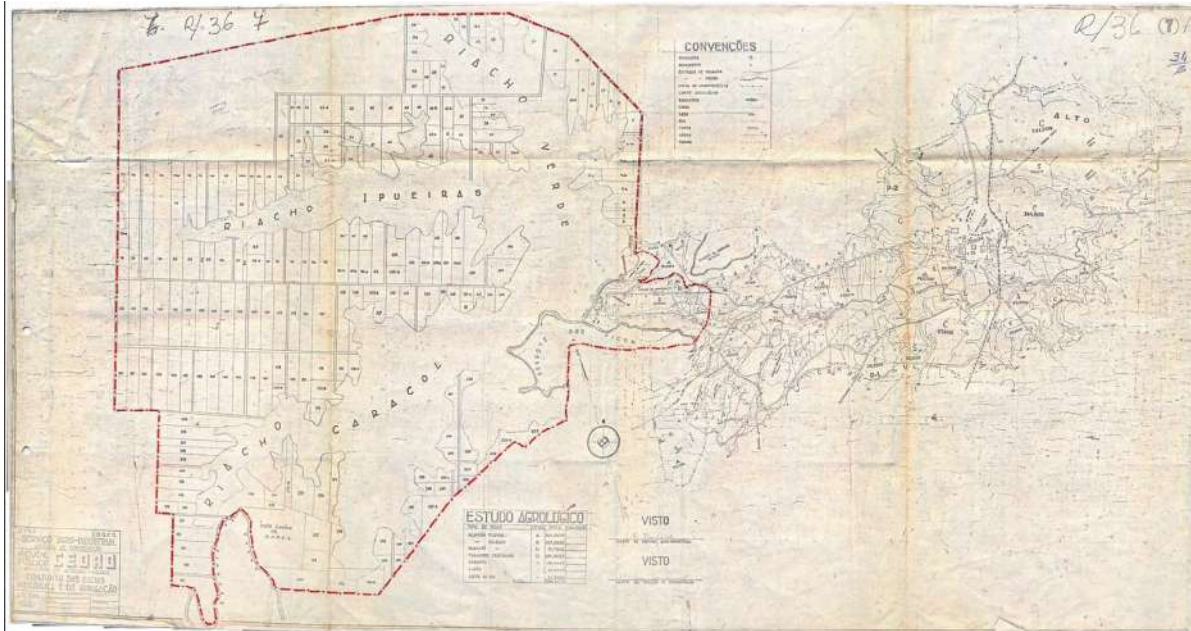


Figura 14: Mapa da Poligonal de Tombamento do Açude Cedro adotada pelo IPHAN em 1984.
Fonte: IPHAN, 1984, p.34

Essa imagem, contudo, chama atenção para a invisibilização dos moradores do Cedro Novo. Como o detalhe a seguir indica (Figura 15), as famílias que ocupam a área desde o início do século XX não foram cartografadas pelo IPHAN. De modo contraditório, a figura 15, utilizada para embasar o tombamento do “Açude do Cedro” revela a presença das casas dos moradores. Textualmente, o processo de tombamento também reconhece a existência dessas ocupações, ao afirmar que:

“os terrenos à montante da barragem são, a título precário, cedidos a particulares por tempo limitado, mediante a licitação e pagamento de uma taxa para cultura agrícola. São terras utilizadas para agricultura sazonal e onde não se pode construir edificações de caráter permanente.” (IPHAN, 1984, p. 10-11).

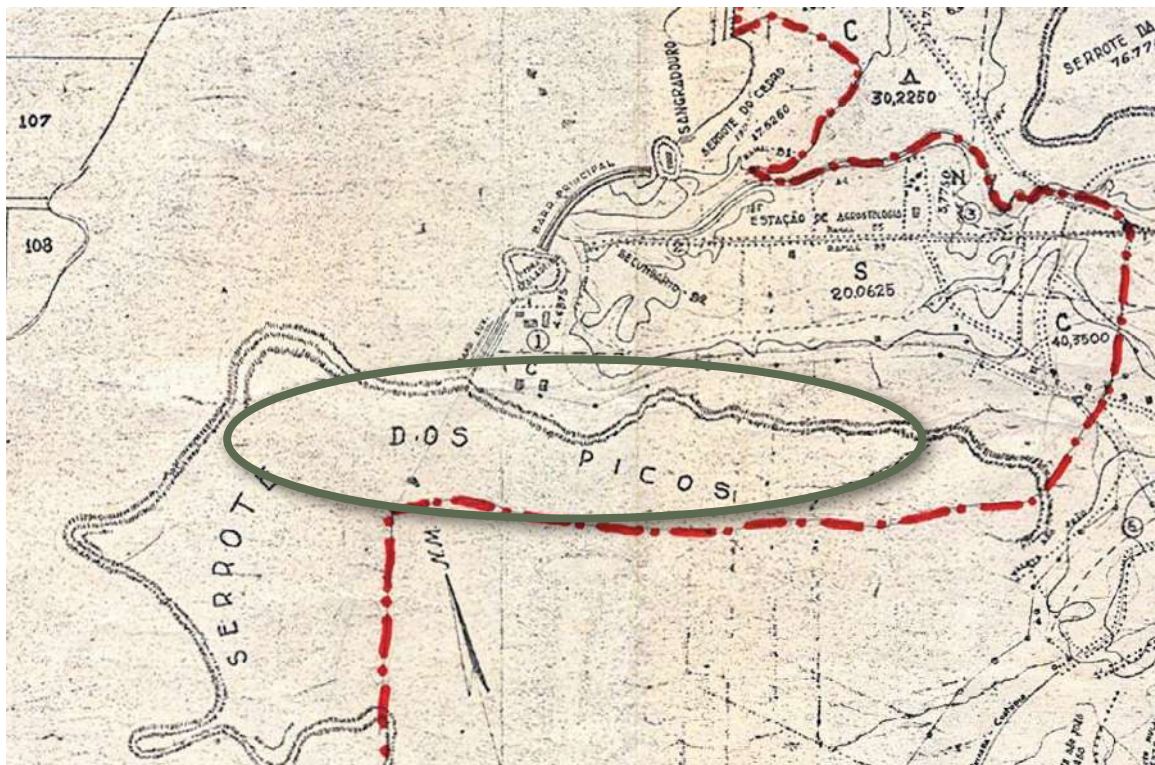


Figura 15: Área de localização dos moradores à montante e à jusante da barragem circundada em verde.

Fonte: Adaptado de IPHAN, 1984, p. 34

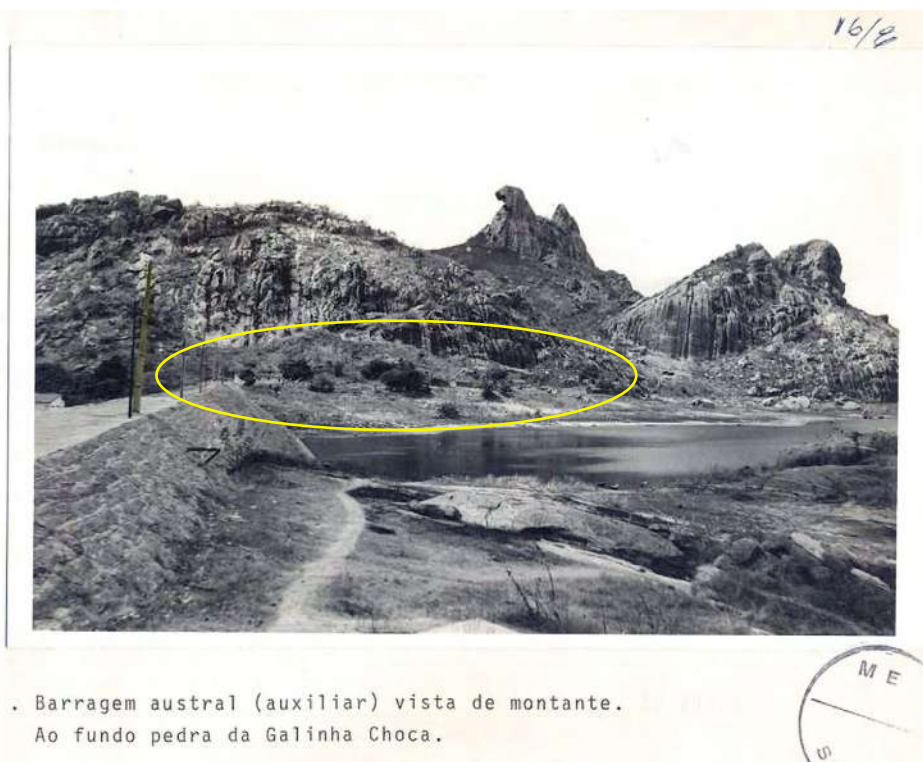


Figura 16: Fotografia usada para embasar o Tombamento do Açude Cedro, pelo IPHAN. Destaque na área circundada em amarelo para a presença de casas constituintes da comunidade do Cedro Novo.

Fonte: Adaptado de IPHAN, 1984, p. 16

Outro elemento fundamental patrimonializado pelo IPHAN é o “Conjunto Paisagístico constituído por formações geomorfológicas em serrotes, no município de Quixadá, Estado do Ceará”, doravante denominado “Conjunto dos Monólitos”. Tombado em 2004, é um agrupamento de 8 subconjuntos de monólitos presentes tanto em área rural quanto urbana, delimitados em função de valores estéticos e paisagísticos. O reconhecimento dos bens considerou os inselbergs com formação mais singulares, bizarras ou curiosas, que funcionam como marco de localização em relação à cidade e aqueles mais ameaçados pelo crescimento urbano (IPHAN, 2004).

Silva (2024) destaca que os critérios adotados pautaram a preservação em valores estéticos e paisagísticos, reduzindo à forma e aparência o valor cultural atribuído à natureza. Segundo o mesmo autor, ao incorporar na poligonal de tombamento o vazio entre os subconjuntos, foi estabelecida uma área protegida de aproximadamente 6 mil hectares, constituindo-se na maior do Ceará (Figura 17).

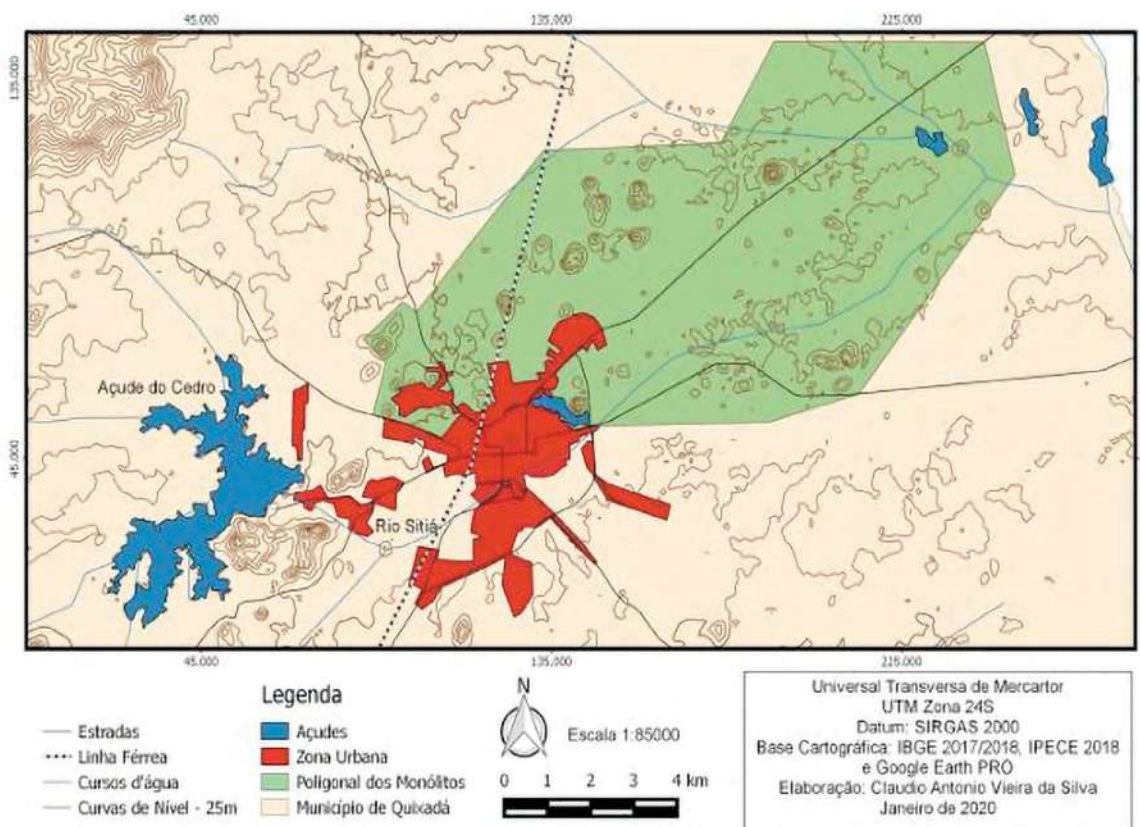


Figura 17: Desenho da poligonal dos monólitos de Quixadá-CE.

Fonte: Silva, 2024, p.161

Chama atenção, então, que o tombamento federal do “Conjunto dos Monólitos” articula espaços rurais e urbanos em uma vasta extensão e exclui de sua proposta original a comunidade do Cedro Novo. A área inventariada nesse dossiê foi incluída na Unidade de Conservação (UC) de proteção integral do Monumento Natural dos Monólitos de Quixadá, criada por decreto estadual em 2002.

De forma similar ao apresentado pelo IPHAN, a UC busca garantir a manutenção de aspectos estéticos e paisagísticos, considerando a raridade e a beleza cênica dos inselbergs. No documento estadual, porém, a dimensão do turismo e das práticas ecológicas, bem como a pesquisa científica, são elementos que devem ser valorizados através do plano de manejo (CEARÁ, 2002). Dez anos após a criação da UC, um novo decreto fez ajustes na área, bem como delimitou uma zona de amortecimento (Figura 18).

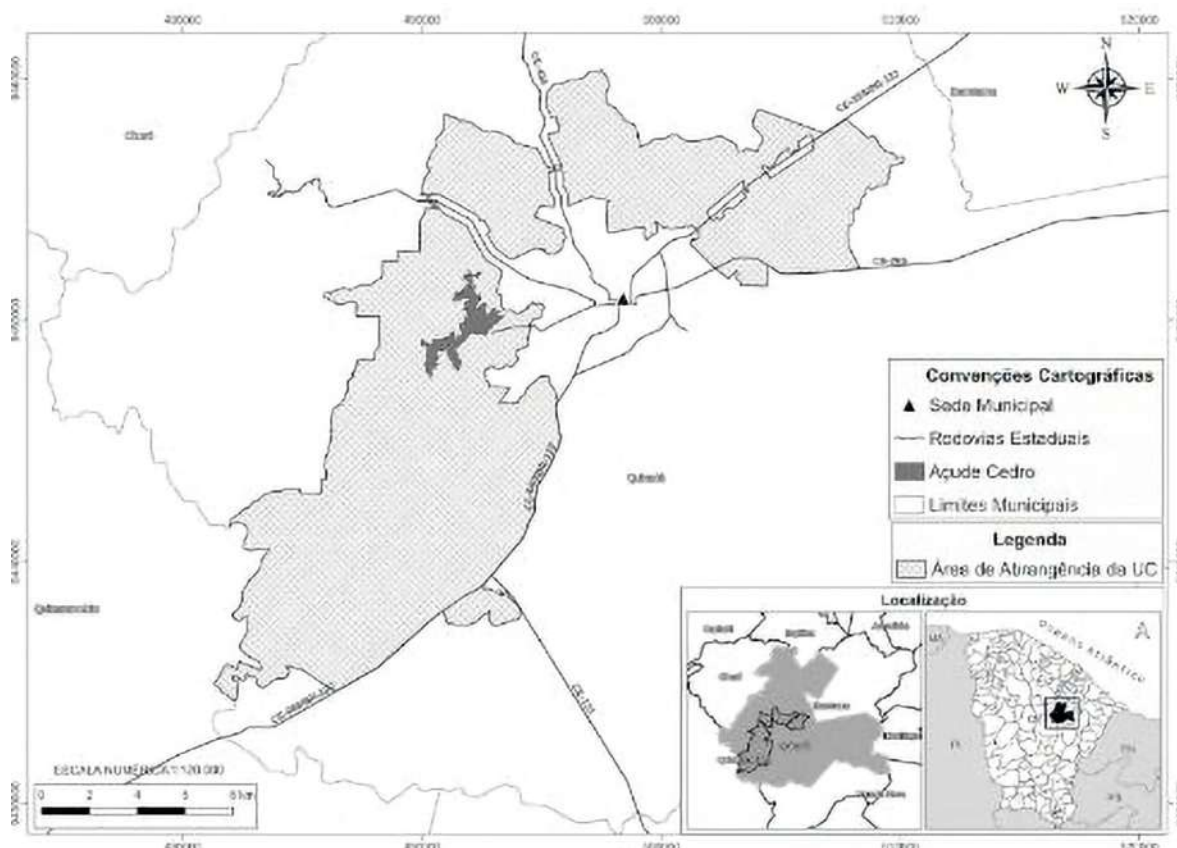


Figura 18: Desenho da poligonal da UC Monumento Natural dos Monólitos de Quixadá-CE.

Fonte: Ceará, 2022, p.68

Essas três legislações podem ser consideradas as mais relevantes para o presente dossiê, pois incidem diretamente na área inventariada. Contudo, outras ações de preservação do patrimônio ocorrem em Quixadá, como tombamentos municipais de edificações individuais ou reconhecimento de Mestres da Cultura Viva pelo governo do Estado (Quadro 02).

Quadro 02: Relação dos patrimônios culturais e naturais protegidos em Quixadá em ordem cronológica

NOME DO BEM	CATEGORIA	NÍVEL	ANO	REGISTRO LEGAL
Açude do Cedro	Infraestrutura ou equipamento urbano	Federal	1984	IPHAN. Número do Processo: 1082-T-1983 Livro do Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico: Inscr. nº 87, de 19/07/1984 Livro do Tombo Belas Artes: Inscr. nº 653, de 19/07/1984
RPPN Fazenda Não me Deixes	RPPN	Federal	1999	ICMBio. Portaria 37-N - DOU 73 - 19/04/1999 - seção/pg. 1/31.
Monumento Natural os Monólitos de Quixadá	Unidade de Conservação	Estadual	2002	SEMACE. Unidade de Conservação: Proteção Integral - Decreto N.º 26.805, de 25 de outubro de 2002
RPPN Fazenda Arizona	RPPN	Federal	2003	ICMBio. Portaria 264 - DOU 241 - 12/12/2013 - seção/pg. 1 - 118
Conjunto Paisagístico dos Serrotes, constituído por formações geomorfológicas em monólito	Natural	Federal	2004	IPHAN. Número do Processo: 1377-T-1996 Livro do Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico: Inscrito em 09/2008
Chalé da Pedra	Material	Municipal	2007	SECULT-QUIXADÁ - Lei n 1727, de 03 de outubro de 1997 - Preservação do Patrimônio Histórico
Museu Histórico Jacinto de Sousa	Material	Municipal	2007	SECULT-QUIXADÁ - Lei n 1727, de 03 de outubro de 1997 - Preservação do Patrimônio Histórico
Estação Ferroviária; Oficina de Manutenção	Ferroviário	Federal	2010	IPHAN. Lei nº 11.483/07 e Portaria IPHAN nº 407/2010
Mestre Joaquim Roseno, tradição Dança de São Gonçalo	Imaterial	Estadual	2010	Lei Estadual Nº 13.842, de 27 de novembro de 2006 - Lei dos Tesouros Vivos da Cultura do Ceará, Categoria Mestre da Cultura

Grupo de Caretas Reisado Boi Coração, tradição Boi de Reisado	Imaterial	Estadual	2015	SECULT-CE. Lei Estadual Nº 13.842, de 27 de novembro de 2006 - Lei dos Tesouros Vivos da Cultura do Ceará, Categoria Grupo de Tradição
RPPN Fazenda Fonseca - Irmã Heloísa e Maurício Holanda	RPPN	Federal	2018	ICMBio. Portaria 664 - DOU 132 - 11/07/2018 - seção/pg. 1 - 112

Elaboração: Alênio Carlos Noronha Alencar

Outros dois processos ainda em curso merecem destaque, pois, caso aprovados, poderão gerar impactos significativos sobre o Cedro Novo: a inclusão da “Barragem do Cedro nos Monólitos de Quixadá” na Lista Indicativa do Patrimônio Mundial da UNESCO e o projeto Geoparque Sertão Monumental. Ainda que as especificidades de cada um desses projetos — como os processos de construção das propostas, as concepções de patrimônio adotadas, as poligonais de proteção, etc... — escapem aos objetivos deste dossiê, reconhece-se sua relevância para a conservação da área. No entanto, salienta-se que ambos têm se desenvolvido, nesse primeiro momento, por meio de processos verticalizados, marcados pela ausência de participação da população (SILVA, 2024).

4. Identificação de Referências Culturais

O levantamento das três oficinas com a comunidade resultou em dezenove referências culturais distribuídas em seis categorias, a saber: **1) Celebrações** (cultos evangélicos); **2) Saberes** (construção de casas de taipa, plantio de roçados, pesca artesanal), **3) Formas de expressão** (a maneira de ver a Pedra da Galinha Choca, brincadeira de casinha do mato), **4) Lugares** (Comunidade Cedro Novo, Açude Cedro, Pedra da Galinha Choca, beira do açude, mangueiras do Cedro Novo), **5) Objetos** (covo para pesca de camarão, galão de pesca, tarrafa), **6) Edificações** (Casas do Cedro Novo, Igreja Evangélica, Bar da Mangueira, Paredes do Açude Cedro, Galpões do DNOCS). Em termos numéricos, percebe-se que as categorias lugares e edificações se destacam, cada uma com cinco referências apontadas pelos moradores.

Por outro lado, apenas uma referência foi classificada como celebração, ligada à igreja evangélica. Houve uma indicação fraca da festa de réveillon na parede do açude como uma segunda celebração, mas que não entrou no dossiê pela falta de densidade dos relatos. Surpreendeu a equipe a não menção às festas juninas, muito fortes no Nordeste, talvez devido à tensão e ao medo que prevaleciam na comunidade ao longo do inventário. Além da questão quantitativa, é mister apontar que os participantes ressaltaram suas moradias através de várias categorias, tais que casas de taipa, comunidade Cedro Novo, casas do Cedro Novo, Bar da Mangueira (anexo a uma das residências), o que é compreensível tanto pela sua ligação umbilical com o lugar, quanto pelas recentes ameaças de remoção.



Quadro 3

Categoria	Denominação das Referências Culturais
CELEBRAÇÕES (1)	Cultos evangélicos
SABERES (3)	Construção de casas de taipa
	Plantio de roçados
	Pesca artesanal
FORMAS DE EXPRESSÃO (2)	A maneira de ver a Pedra da Galinha Choca
	Brincadeira de Casinha do Mato
LUGARES (6)	Comunidade Cedro Novo
	Açude Cedro
	Pedra da Galinha Choca
	Beira do açude
	Mangueiras do Cedro Novo
OBJETOS (3)	Covo para pesca de camarão
	Galão de pesca
	Tarrafa
EDIFICAÇÕES (5)	Casas do Cedro Novo
	Igreja Evangélica
	Bar da Mangueira
	Paredes do Açude Cedro (parede seca e parede grande)
	Galpões do DNOCS

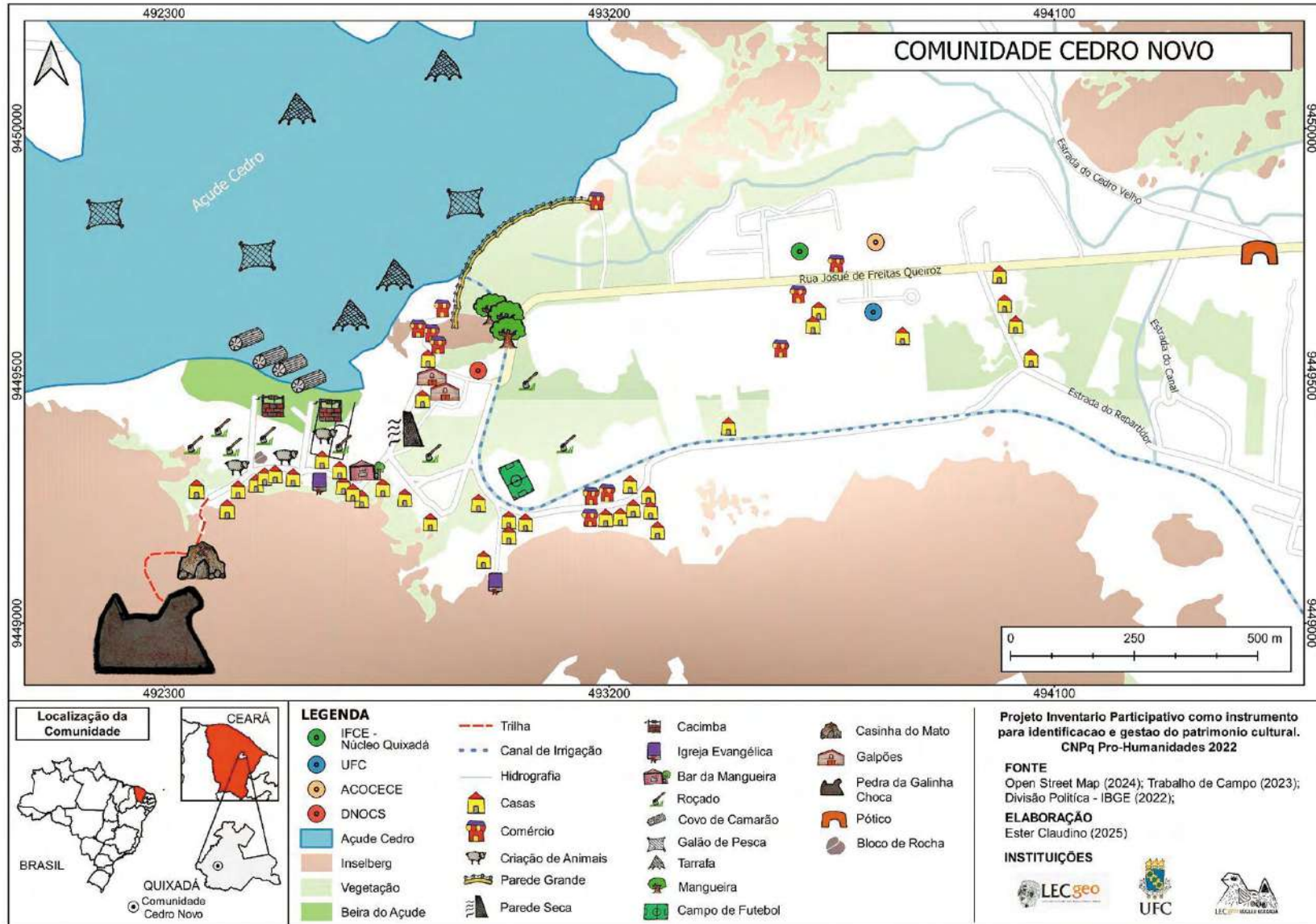


Figura 19: Croqui Georreferenciado da Comunidade Cedro Novo. Elaboração: Ester Claudino, Mateus Pinheiro e Moradores do Cedro Novo, 2025. **Mapa**

4.1. Celebrações

Cultos evangélicos - (Assembleia de Deus no Brasil - Ministério da Graça)



Figura 20: Culto na Igreja Evangélica do Cedro Novo, Quixadá-CE
Autoria: André Pinheiro, s/d

O que é?

No Cedro Novo encontra-se uma edificação que abriga a Igreja Evangélica Assembleia de Deus Ministério da Graça, epicentro de celebração e conexão espiritual. Nas últimas três décadas, cultos evangélicos têm reunido moradores para expressar suas crenças e fortalecer seus laços comunitários. A Igreja onde as cerimônias



religiosas são realizadas também tem servido de apoio para os não- evangélicos, que a utiliza como local de velório e outras efemérides.

Para muitos habitantes, o culto evangélico é uma parte essencial da identidade e da história da comunidade. Muitos moradores relatam que os encontros religiosos aconteciam durante muitos anos nas residências dos membros ou à sombra de alguma árvore frondosa. A importância do culto evangélico para o Cedro Novo fica evidente com a doação do terreno por moradores para a construção da edificação da Igreja, momento lembrado com orgulho por André Pinheiro, neto do pastor Francisco de Assis Pinheiro, figura central de representação da fé evangélica. Através dessa celebração, a importância de cada morador e a relevância de cada aspecto da vida foi paulatinamente consolidado.

Desde então, a tradição de se reunir para as liturgias evangélicas tem perdurado, unindo gerações e fortalecendo os seus laços espirituais e sociais. Como afirma Rosendahl (2010) o processo de criação de um lugar sagrado torna-se parte de uma auto-identidade mediante a familiaridade, o contato repetido e as experiências partilhadas, como bem acontece naquele lugar.

Assim, os cultos evangélicos no Cedro Novo são momentos de celebração e congregação de evangélicos e não-evangélicos que demonstra o entrelaçamento contínuo da vida com a espiritualidade no Cedro Novo. Embora haja outros locais de culto na comunidade, como o templo da gruta do Cedro e outras grutas no entorno da Galinha Choca, os participantes do inventário não se referiram a essas localidades.

4.2. Saberes

Construção de casas de taipa



Figura 21: Casas de taipa na comunidade Cedro Novo, Quixadá-CE.

Autoria: Caio Maciel, 2023.

O que é?

No Nordeste do Brasil ainda é comum o uso de uma técnica de arquitetura em terra e estacas, conhecida como taipa ou pau-a-pique, que consiste no uso de um arcabouço trançado de madeira, preenchido com argila, para erguer paredes. É provável que sua introdução remonte ao período de colonização pelos portugueses, que a teriam trazido de África (SILVA, ALCIDES e JARDIM, 2013, p. 88). As famílias do Cedro Novo há muito tempo conservam o saber e a tradição de fazer casas de taipa. Dona Mazé Almeida, 86 anos, que já nasceu na comunidade, relata: “...esta casa foi herança de minha mãe que já herdou de minha avó”. A fala demonstra a durabilidade da técnica, bem como a passagem geracional - não só de um patrimônio enquanto bem econômico, mas da continuidade cultural.

A rusticidade do material e da técnica parecem testemunhar o esforço da comunidade para manter em áreas não assistidas por edificações e infraestruturas do DNOCS ou prefeitura local, como é mais comum à montante da parede sul.



Figura 22: Detalhe da parede de uma casa de taipa, na comunidade Cedro Novo, Quixadá- CE.
Autoria: Mateus Pinheiro, 2024

Ao olhar as construções das casas que seguem do Bar da Mangueira até o início da trilha da Galinha Choca, margeando o Açude Cedro, observa-se suas singularidades: algumas são tão bem rebocadas que não se percebe terem sido erigidas de forma rústica; apenas quando parte do acabamento cai é que são exibidos os intrincados de madeira e terra. Nesse trecho à montante da barragem, casas de alvenaria não são permitidas pelo DNOCS, o que faz os moradores conservarem suas habitações de taipa, mesmo que com alguns “puxadinhos” de alvenaria. Quando necessário, são feitos reparos com materiais comprados no centro da cidade, sendo isso de responsabilidade dos próprios moradores.

Fazer casas de taipa requer saberes sobre os tipos de solo, já que o barro usado na construção deve ter uma qualidade específica. Além do mais, devido ao terreno pedregoso, repleto de matacões, o local precisa ser bem escolhido. Isa Nunes, que juntamente com o esposo Fábio Pinheiro, reformaram a casa herdada de um familiar,

cita uma relação singular com os recursos naturais das vizinhanças, uma vez que há um local específico para coletar o material: “não é de qualquer canto, tem um barreiro, um local próximo ao açude em que pegamos o barro”. O mesmo pode ser dito das madeiras, suas propriedades e conformidades para o entrelaçado, que são tiradas da vegetação nativa. Portanto, tal técnica da arquitetura popular sertaneja é integrante de um sistema de construção vernacular, “que une o conceito de cultura e natureza provocando noções de identidade e senso de pertencimento” (FEITOSA; GALEAZZI, 2022, s/p.).

Foram registradas cerca de dezessete construções de pau-a-pique que têm por características calçadas altas, paredes bem conservadas, pintadas a cal e pisos de cimento queimado. A madeira das casas mais antigas é “do mato”, “madeira bruta” coletada na caatinga. Feitosa e Galeazzi (op. cit) advertem que a arquitetura de terra crua sertaneja tem sido vista como símbolo de pobreza e doenças, pois seriam infestadas por insetos, o que tanto para os autores como para o grupo do inventário participativo é uma visão estereotipada e estigmatizante, pois havendo correta manutenção, como constatado no Cedro Novo, não significa que as construções sejam insalubres ou retratem miserabilidade, tanto que os moradores apontaram como uma importante referência cultural, plena de significados sobre sua história, suas lutas e afetos.

Plantio de roçados



Figura 23: Roçado de milho e feijão na estação úmida, área de vazante na comunidade Cedro Novo, Quixadá-CE.

Autoria: Mateus Pinheiro, 2024.

O que é?

A Comunidade Cedro Novo está fortemente ligada à pesca e à lavoura familiar. Neste contexto, os roçados são parte de um saber ancestral que compõe a identidade dessa população, que, mesmo não praticando exclusivamente a agricultura como no passado de loteiros do DNOCS, ainda se identifica como lavradores.

O roçado sertanejo expressa a rica experiência de habitantes da caatinga com a convivência com o semiárido ao longo dos anos, bem como sua resiliência nos tempos difíceis de seca (MACIEL; PONTES, 2015). De modo amplo, a roça ou roçado se refere a áreas cultivadas com espécies alimentícias e pequeno criatório, especialmente por produtores familiares, com ou sem uso de coivara (queimadas controladas) para limpar de forma cíclica porções de terra. No contexto patrimonial, o fenômeno congrega saberes e maneiras de cultivar os campos ou de criar animais, profundamente vinculados às relações da sociedade com o meio ambiente, de tal maneira que se torna associado a determinadas culturas e modos de vida adaptados à semiaridez.



Figura 24: Coivara ao final do período seco para preparação do plantio em terrenos de vazante do Açude Cedro, comunidade Cedro Novo, Quixadá-CE.

Autoria: Caio Maciel, 2023.

Assim, o roçado sertanejo significa mais que simples práticas agrícolas, sendo parte integrante da cultura e identidade dos camponeses que povoam as caatingas no entorno do Açude Cedro e atribuem significados aos seus espaços de vida e produção. Desse modo, tais paisagens conservam características rurais, ainda que o local seja incorporado como um bairro da cidade de Quixadá. Senhor Chico Preto, 81



anos, um dos moradores mais antigos, conta que seu avô trabalhava com a agricultura nessas mesmas terras, na época em que era muito criança, mas ainda conserva lembranças da fatura de frutas produzidas na região e do deslocamento até o centro da cidade para a comercialização: “eu ia escanchado na cintura dele até o local da venda”, demonstrando a socialização, desde muito cedo, dos integrantes da família no contexto dos roçados.

A agricultura aí praticada tem um papel importante na formação da comunidade, por estar localizada entre um complexo de formações rochosas e às margens do Açude Cedro, onde técnicas de plantio ganham características próprias do local, utilizando ferramentas tradicionais como pequenos arados, enxadas, roçadeiras etc. Moradores relatam que o plantio era feito em locais que tinham ou ainda têm a autorização do DNOCS, sendo cobrada uma taxa para uso da terra. À jusante do barramento sul ficavam lotes irrigados, enquanto a montante estão os chamados “lotes secos”, isto é, sem infraestrutura de irrigação, mas com acesso às margens do açude.

Neste último caso, as roças de cada morador seguem a dimensão do lote e incluem acesso a uma área de vazante (porção de terra que fica descoberta na medida em que há redução do nível da água do açude no período de estio). Os lotes secos são geralmente separados por cercas de arame farpado e apresentam morfologia de tiras de terra que ligam as residências dos agricultores ao corpo hídrico, democratizando o direito à água. A produção de alimentos nas imediações do Açude Cedro sempre foi uma prática relevante por ter disponibilidade de água e solo fértil, entretanto mesmo as áreas de sequeiro foram costumeiramente lavradas, havendo muitas pessoas que rememoram os campos de algodão que cercavam a Pedra da Galinha Choca.

Muitos aspectos da roça, incluindo a policultura (sistema agrícola marcado pela produção de várias espécies) têm relação com a agricultura indígena e quilombola, havendo importante papel das sementes crioulas para a resiliência ao clima e segurança alimentar. Estudos indicam preservação genética de espécies selecionadas ao longo do tempo no sistema de roça, onde apresentam viabilidade e produtividade mais adequada ao modo de produção de comunidades adaptadas aos seus ambientes (YOGI, BERTAZZO E ALENCAR, 2016, p. 105).

O sistema da agricultura familiar tem como características a produção de pequeno porte, baseada na alimentação do grupo de parentesco, comercialização do excedente e uma safra diversificada, como relata a moradora Isa: “plantamos de tudo: milho, feijão, batata doce, jerimum, macaxeira. Antigamente plantava o ouro branco – algodão – e a paisagem ficava branquinha”.

Hoje os loteiros do Cedro Novo cultivam mais para autoconsumo, uma vez que não dependem apenas da lavoura para sobreviver e possuem limitado acesso à terra;

algumas famílias conservam nos quintais frutíferas, hortaliças, plantas medicinais e ornamentais, animais de pequeno porte etc. Nos terrenos a jusante da barragem há capineiras e criação de gado. A mudança no modo de vida devido à desassistência do órgão federal levou a várias formas de atividade complementar não-rurais, como atesta a moradora Cláudia: “o mais importante são os saberes das pessoas mais idosas, pois é delas que se mantém a cultura do lugar; se não fosse elas, estaria tudo destruído: pescar, plantar, criar animais, fazer o roçado, trabalhar nos quiosques com alimentação. Mesmo com dificuldade, são nossas formas de renda, hoje não vivemos mais somente das coisas da terra, agora é mais lidar fora, com faxina, emprego e salgados para vender nos quiosques”.

Portanto, a pequena escala produtiva atualmente se deve ao abandono da assessoria técnica do DNOCS, ao êxodo rural da população jovem e à realização de trabalhos não agrícolas dentro e fora da comunidade visando obtenção de renda.



Figura 25: Criação de ovelhas na comunidade Cedro Novo, Quixadá-CE.
Autoria: Jobedir Ravette, 2023.

Pesca artesanal



Figura 26: Fábio Pinheiro, morador da comunidade Cedro Novo, pescando de tarrafa no Açude Cedro. Quixadá-CE.
Autoria: Isa Nunes, 2023.

O que é?

A pesca artesanal, tradicionalmente praticada nos açudes do semiárido brasileiro, tem sido uma atividade importante para a subsistência e renda de famílias no meio rural (MONTEIRO, NORÕES E ARAÚJO, 2018). No Ceará é diferente, onde açudes do DNOCS receberam programas de peixamento para favorecer a atividade. O ofício desse tipo de pesca no Açude Cedro, associado historicamente à agricultura e a papéis de gênero (WOORTMANN, 1992), transcorre pela produção própria de parte dos instrumentos para captura de peixes e camarões, como também pela guarda de conhecimentos acerca das espécies, iscas e melhores épocas para captura, além do processamento dos alimentos, que são passados de geração em geração. A forma de construir, consertar e utilizar as redes e covos, o reparo das canoas e a escolha das malhas dos galões (redes) formam um conjunto de saberes dominados sobretudo pelos homens. As mulheres também expressam esse saber ao usar as tarrafas para praticar a pesca e manusear canoas.



Figura 27: Canoa utilizada para a pesca artesanal às margens do Açude Cedro. Comunidade Cedro Novo, Quixadá-CE.

Autoria: Jobedir Ravette, 2023.

O Cedro Novo, por se tratar de uma comunidade que vive às margens de um expressivo corpo hídrico, tem na pesca uma de suas alternativas econômicas, mesmo considerando as secas e a descontinuidade de políticas públicas que a favoreçam. Essa prática criou nos homens e mulheres a habilidade de lidar com o espaço e o meio ambiente, as ferramentas, utensílios e técnicas da atividade pesqueira, criando significados sociais. Assim, o trabalho artesanal de pescaria pode ser caracterizado como uma atividade familiar realizada com instrumental simples, baseado na busca por autonomia alimentar e, quiçá, complemento de renda, que preenche o espaço da comunidade com múltiplos significados e memórias.



Figura 28: Moradores da comunidade Cedro Novo, com Isa Nunes pescando de tarrafa na beira do Açude Cedro. Quixadá-CE.

Autoria: Fábio Pinheiro, 2023.



Seu Roberto dos Santos, cita uma espécie de mutirão: *“todos nas casa participa da pesca, se tiver dez pessoas os dez ajuda”*. A captura de camarão, por exemplo, envolve toda a família já que requer muitas etapas, da apreensão à limpeza, sendo o verão a melhor época para ser realizada, em função do baixo nível das águas. Os conhecimentos em torno da pesca são repassados para os mais novos de forma prática: *“a gente nasceu os dentes pescando nesse açude”*. Outra moradora, Iza, cita: *“desde os nove anos de idade que aprendi a pescar”*. A comunidade demonstra uma relação afetiva com o açude e a pesca, as mulheres muitas vezes se juntam aos homens e *‘lanciam’* as tarrafas e galões na água.

A moradora Cláudia acrescentou que, há mais de 20 anos, os dias começavam às quatro horas da manhã para os homens pescarem peixes e camarões no Cedro. A seguir, as mulheres preparavam os pescados para a venda como uma fonte de subsistência. Entretanto, opinou que atualmente há menos pessoas interessadas nesse trabalho.

As técnicas de fazer o covo à mão e com a matéria prima local são partes de saberes geracionais. O modo de fazer, as medidas, a escolha dos materiais, tais como os talos secos de carnaúba, os tamanhos uniformes, a tela usada para colocar as iscas, a abertura e saída das armadilhas são conhecimentos transmitidos às crianças. O saber-fazer empírico facilita o trabalho dos pescadores, desde a confecção de apetrechos até iscas com arroz e restos de carne.

Outro saber é a costura de remendo dos galões e tarrafas que são usados na pesca, com uma agulha específica e linhas de náilon. Comumente, a canoa também passa por um processo de impermeabilização que é feita com piche ou outro material, usando-se ainda tintas e vernizes para dar durabilidade à madeira das embarcações. Para os moradores a melhor época de pescar é no verão, já que no inverno o aumento do nível da água e diferenças de temperatura dificultam a captura das presas, além de ser a época da reprodução, havendo respeito ao período de defeso. Enfim, homens e mulheres tecem relações afetivas com o ambiente aquático e suas margens, que além de prover alimento e renda contribui diretamente na construção das identidades do Cedro Novo.

4.3. Formas de Expressão

A maneira de ver a Pedra da Galinha choca

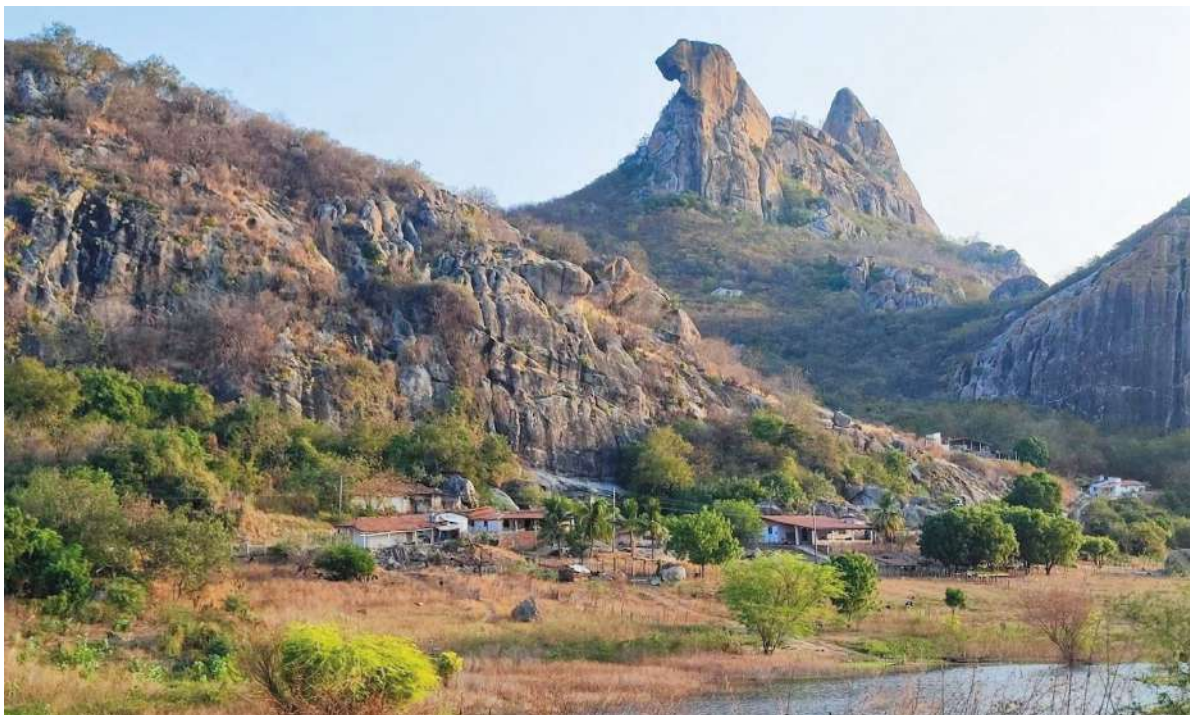


Figura 29: Pedra da Galinha Choca e parte da comunidade Cedro Novo, Quixadá-CE.
Autoria: Mateus Pinheiro, 2024

O que é?

A Pedra da Galinha Choca é o nome popular dado ao principal inselberg do campo de monólitos de Quixadá, sendo um dos pontos turísticos mais conhecidos do Ceará (PEREIRA, 2016). A Comunidade Cedro Novo reconhece a mesma como forma de expressão, pois além de uma formação rochosa é um ponto de encontro, referência de localização e marco identitário para eles. Os moradores comentam que quando perguntam onde residem a resposta é que moram perto da Galinha Choca. Ela também é motivo de orgulho, pois quem vem a Quixadá se encanta com a paisagem e a comunidade recebe frequentemente visitantes que se deleitam com a beleza de algo que está no quintal de suas casas.

A Galinha Choca está associada à história de muitas famílias, sendo um cartão postal e um lugar de várias recordações, como relata um morador: “é um símbolo da comunidade”. Como marcador social e ponto de referência, a Pedra está presente na recordação, no cotidiano e apresentação pública da comunidade. É comum ouvir no Cedro Novo que eles moram no pé ou por trás desse inselberg.

Essa formação rochosa tem sua importância geológica, tendo o reconhecimento de patrimônio natural e uma função social que é visibilizar a existência do Cedro Novo com as famílias que há várias gerações ali vivem, o que constitui um processo de identidade de quem mora no local (SILVA, 2020). É um emblema para o grupo, expressando sua história, valores e lugar no mundo: eles falam através da Galinha Choca enquanto povo da Galinha Choca.



Figura 30: Pedra da Galinha Choca vista da parede principal do Açude Cedro, Quixadá-CE.

Autoria: Mateus Pinheiro, 2024.

Nesse âmbito, é exemplar o cuidado que têm com o caminho para esse inselberg, mantendo a coleta de lixo e proporcionando a venda de dindin e água de coco na casa de Dona Mazé Almeida, pois depois de percorrer a trilha, a vontade de refrescar-se com algo gelado é bem vinda.

Eles costumam lembrar do filme dos Trapalhões (O Cangaceiro Trapalhão, de 1983) com cenas gravadas no entorno da Galinha Choca e na própria comunidade, como a rocha conhecida por pracinha. O filme está na memória e também se tornou mais um motivo de exaltação, pois aquilo que já era chamativo, ganhou reconhecimento através dessa produção nacional.

Brincadeira de casinha do mato



Figura 31: Resquícios da Casinha do Mato, Cedro Novo, Quixadá-CE.

Autoria: Mateus Pinheiro, 2024.

O que é?

A Brincadeira de Casinha do Mato, também chamada pelos moradores de Casinha das Brincadeiras, fez parte dos divertimentos da infância das crianças do Cedro Novo. A brincadeira consistia em utilizar a vegetação típica da caatinga e as rochas existentes no local para construir refúgios da imaginação nas proximidades das casas dos moradores.

–A criançada construía abrigos que seguiam os moldes das casas em que moravam. Através dessa prática as crianças também reproduziam um saber geracional da arquitetura de taipa. Alguns relatos reportam-se apenas às furnas de pedra, indicando que as cabanas improvisadas podiam ser bem fugazes. A feitura da casinha era coletiva, integrando meninas e meninos na diversão. Estudos apontam este tipo de brincadeira como parte do modo de ser camponês (Sousa, 2024). O fundo do quintal da casa de Fábio Pinheiro, por exemplo, era destino certo nas tardes após a escola. Gabriela Pinheiro relembra: “a gente chegava em casa toda suja de barro”. Essa prática ficou registrada através dos resquícios de construção observadas no Cedro Novo. Normalmente, a estrutura da casinha do mato recriava ludicamente o trabalho dos adultos, os costumes das famílias e a cultura da comunidade. Camilla Hoshimo (2018, s/p) afirma que o brincar de casinha é um convite universal da infância: “A construção da casa é também um espaço de espalhamento de si. Casas são lugares de acolhida de si próprio e do outro, territórios de vínculos e cuidado. É lugar de intimidade”. A referência cultural Casinha do Mato apontou justamente para um forte vínculo telúrico da comunidade com as pedras e a caatinga. Se as edificações “de brinquedo” não resistiram ao tempo, contudo, ao lembrar dessa prática, os adultos revivem a infância saudável e tranquila entre as rochas.

Enfim, a brincadeira da casinha do mato pode ser definida enquanto uma forma de expressão lúdica e cultural que reflete a identidade, os saberes e os vínculos comunitários a partir das memórias de infância dos moradores do Cedro Novo.

4.4. Lugares

Comunidade Cedro Novo

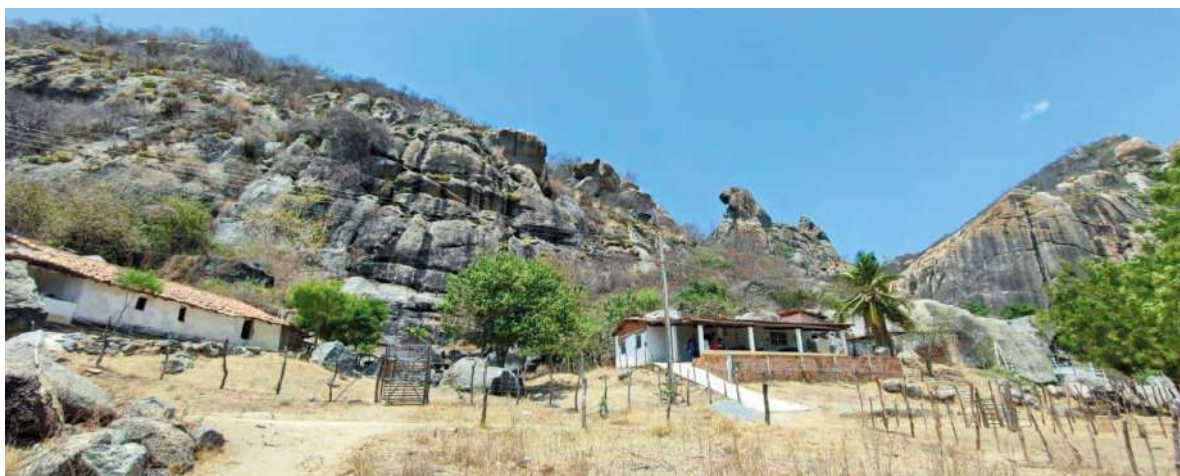


Figura 32: Aspecto da Comunidade Cedro Novo, Quixadá-CE, com a Pedra da Galinha Choca ao fundo.

Autor. Mateus Pinheiro, 2023.

O que é?

O Cedro Novo é uma comunidade centenária situada na área federal do DNOCS (Quixadá-CE), onde também estão o Açude Cedro, construção icônica de combate à seca projetada no período imperial, a Pedra da Galinha Choca, famoso monólito (inselberg) com formato inusitado e diversas instituições de ensino. Os antepassados dessa população residente aí se fixaram desde as primeiras décadas do século XX, como relata o morador Isael Silva: “não somos invasores, estamos aqui de geração a geração desde os nossos tataravós!”. Do mesmo modo, complementa o vizinho Robério dos Santos: “dizem que a gente vive aqui como invasor, mas aqui são moradores que integram o Cedro Novo há muito tempo, somos idôneos e sinceros, famílias centenárias”.

Os residentes à jusante do Açude Cedro estabeleceram-se em lotes que outrora possuíam infraestrutura de irrigação via canais do DNOCS, já aqueles à montante, praticam plantações de sequeiro e vazante, criações de animais e pesca. Diante disso, o relato da moradora Ângela Queiroz destaca: “nosso lugar, um pedacinho de cada coisa importante para a gente morar aqui; choramos só de pensar em sair das nossas casas”.

O conjunto das moradias que compõem o Cedro Novo está diretamente vinculado aos sentidos de coletividade, lar, família e laços afetivos de vizinhança. E cada uma das casas é um local pleno de significados e experiências vividas em um tempo longamente compartilhado, numa sociedade rural enraizada: os loteiros do DNOCS e seus herdeiros. Como afirmou Robério dos Santos: “aqui é um patrimônio das famílias, desde nossos antepassados”.

Os moradores relatam sentimentos que podem ser associados a uma cultura camponesa, profundamente inserida naquele território, lugar de vida e de trabalho, como definido por Wanderley (1999). De fato, aí se desenvolve uma forma de sociabilidade específica, onde todos se conhecem: familiares, parentes, vizinhos. Tal relação permite definir a comunidade enquanto uma “sociedade de interconhecimento”.

As casas da comunidade, por conseguinte, apresentam uma dupla natureza: são as sedes dos modos de vida dos loteiros e valorização de um meio natural, mas ao mesmo tempo representam unidades de habitação e de um quadro familiar e social único. A ligação entre morada e modo de vida fica patente no depoimento de Danilo Lima da Silva: “o melhor aqui é a moradia e o açude cheio. Todos sabiam pescar, pescavam camarão com armadilha, covo fabricados por eles”.

Portanto, os lares e seus ocupantes têm um papel ativo na formação da identidade do Cedro Novo, que emerge a partir do sentimento de pertencimento ao lugar. Isto se expressa na fala de Dona Geralda Vanda: “Ixi! Isso aqui era de meu pai, já tem mais de 100 anos. Passa de família para família, de pai pra filho e para os netos... É assim. Eu nasci e me criei aqui. Essa notícia [ter de sair da casa e abandonar o Cedro Novo] acaba com a gente”.

A existência da comunidade do Cedro Novo há muito habitando o local e vivendo de modo semelhante reforça a ideia de preservação do ambiente através das gerações, conectando-as ao ideário de acolhimento, zelo, paz e tranquilidade. “Estamos aqui já na terceira geração, e a gente vive daqui, de agricultura e turismo. E aqui somos famílias, pessoas que moram há muito tempo, tem velhos, crianças, pessoas idosas... Nós não somos pessoas que vem...invasor não! Somos morador, filho da terra. Nasci, estou com 50 anos, nasci e me criei aqui, estudei num colégio aqui e vivo aqui até hoje”, relata Roberto dos Santos.

As moradias estão vinculadas aos ciclos de vida de cada família, havendo relatos de memórias afetivas e tradições de um modo de vida que fazem com que o ambiente seja único e insubstituível, com destaque para o sentimento de paz e segurança, como aponta Roberto: “é um local onde a gente se sente seguro e à vontade, sempre de portas abertas, é um sossego”.



Figura 33: Casa de taipa na Comunidade Cedro Novo, Quixadá-CE, com vista do Açude Cedro.

Autoria: Mateus Pinheiro, 2023.

Daí se compreende porque os loteiros temem a sua remoção, pois mesmo que sejam realocados, nunca poderão reviver a profunda conexão de habitar que apenas o Cedro Novo, em suas casas, lhes proporciona. Essa ligação única com o lugar transcende a simples moradia; é um sentimento enraizado na história comunitária, algo que não pode ser replicado em outro espaço.

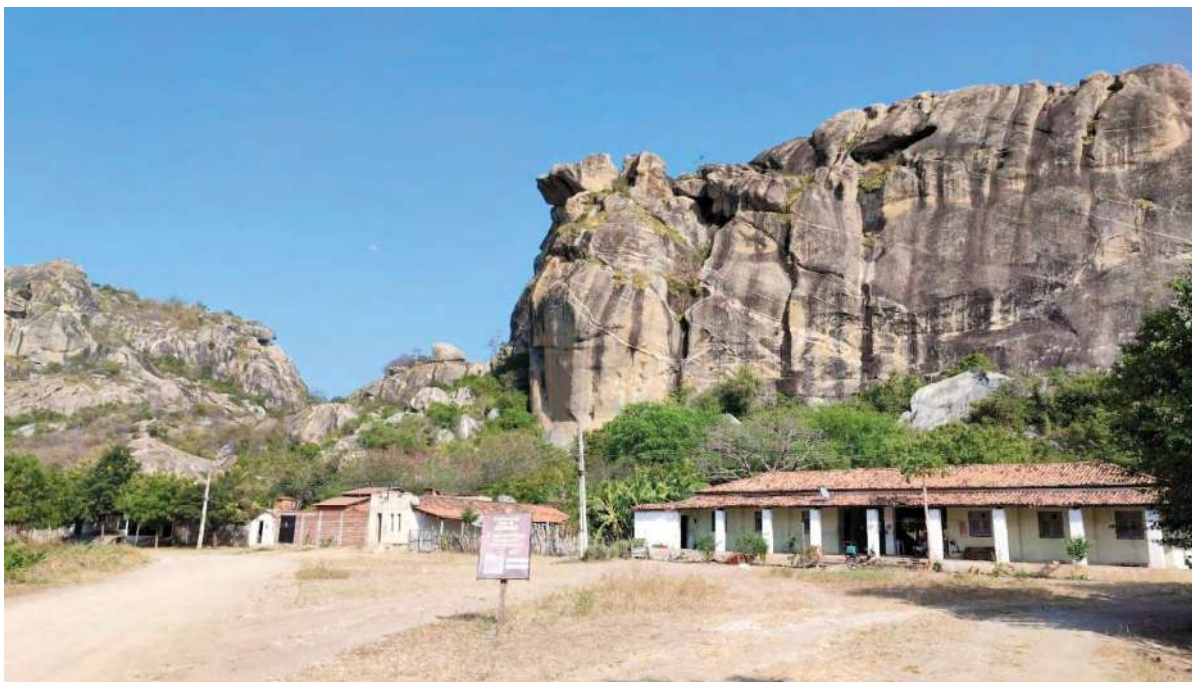


Figura 34: Residências da comunidade do Cedro Novo ao pé dos monólitos, Quixadá-CE.
Autoria: Mateus Pinheiro, 2024.

Açude Cedro



Figura 35: Aspecto do Açude Cedro, Quixadá-CE, com canoas de pesca na margem próxima à comunidade.
Autoria: Jobedir Ravette, 2024.

O que é?

O Açude Cedro, localizado no município de Quixadá-CE, foi o primeiro grande projeto de construção envolvendo redes de canais de irrigação na América Latina (BRASIL, 2023). Teve seu surgimento advindo da necessidade de sanar as grandes secas que assolavam o semiárido cearense. A ideia era acumular água para abastecimento humano, além de oferecer condições para a dessedentação animal e irrigação (MONTEIRO, 2020). Neste sentido, a Comunidade Cedro Novo está umbilicalmente ligada a este espelho d'água artificial.



Figura 36: Açude Cedro, Quixadá-CE, com parede principal.
Autoria: Mateus Pinheiro, 2024.

As relações da Comunidade com o espelho d'água se manifestam, por exemplo, através das práticas de piscicultura realizadas pelos moradores, onde uma divisão de gênero orienta as atividades realizadas. Como comenta a moradora Cláudia Maria “há mais de 20 anos atrás, os dias começavam às quatro horas da manhã para os homens pescarem peixes e camarões no Cedro. Enquanto isso, as mulheres preparam os peixes e camarões para a venda como uma fonte de subsistência”.

Além disso, os moradores também utilizam das águas para a agricultura de vazante e criação de pequenos animais, muito embora essas atividades tenham uma relevância menor diante da dificuldade de manejo do sistema de açudagem, associado aos sucessivos anos de seca na região. A mesma moradora relata esse aspecto ao destacar que “os moradores também plantavam feijão e batata na comunidade, mas hoje em dia não há condições climáticas para isso e, muito menos, pessoas interessadas nesse trabalho”.

Apesar dessas transformações, o Açude Cedro permanece como uma importante referência para a Comunidade, com ênfase maior para sua vivência paisagística e as possibilidades de auferir recursos através do turismo. A construção de um mirante para observar o espelho d’água estabeleceu um ponto para lazer e apreciação estética tanto para moradores quanto para turistas.



Figura 37: Mirante com vista para o açude, construído pelos moradores Fábio Pinheiro e Isa Nunes, Quixadá-CE.
Autoria: Mateus Pinheiro, 2023.

Como o açude é o principal destino turístico de Quixadá, os moradores do Cedro Novo usufruem dessa condição para oferecer serviços como os relacionados à venda de produtos alimentícios ou à presença de diversos restaurantes. Além disso, oferecem serviços de travessia para as comunidades do entorno, como a de Sabonete.

Enfim, como afirmou o morador André Pinheiro, a Pedra da Galinha Choca e o Açude Cedro fazem parte intrínseca do lugar, estando na origem e história do Cedro Novo, bem como no cotidiano de seus habitantes. O açude constitui um poderoso centro de significado e espaço para a sobrevivência, exercendo grande atração em relação às pessoas que buscam sua bela paisagem e visitam a comunidade. Por essa razão, a população que se estabeleceu nas redondezas do açude se organiza, em um primeiro momento, em íntima relação com o corpo hídrico, realizando atividades agropecuárias, de pesca, navegação, banho e lazer.

Pedra da Galinha Choca



Figura 38: Inselbergs com Pedra da Galinha Choca ao centro, Quixadá-CE.

Autoria: Mateus Pinheiro, 2023.

O que é?

Pedra da Galinha Choca é o nome dado a um dos mais conhecidos monólitos existentes no município de Quixadá-CE, tendo sua denominação originária de sua curiosa forma. Está localizada na Comunidade Cedro Novo, dividindo seu protagonismo paisagístico com o Açude Cedro. É um inselberg constituído de rochas ígneas do tipo graníticas (Sales, et al. 2022, p. 180). Relevos residuais como esse representam marcadores da história evolutiva da Terra na escala do tempo geológico e pela sua expressividade na paisagem estão associados a valores estéticos consideráveis (BRASIL, 2024).

Diante dessa expressividade, diversos grupos turísticos têm realizado trilhas para o topo da Galinha Choca, interagindo de modo direto com o Cedro Novo. Dessa forma, a Pedra é considerada pelos moradores como um referente cultural que localiza a comunidade, pois constitui-se como um importante cartão postal. Segundo o relato do morador André Pinheiro, ela é a primeira imagem da comunidade, funcionando como um atrativo turístico para a área. Isael afirmou com convicção que “a Pedra da Galinha Choca é a bússola do Cedro Novo”, um marco simbólico e geográfico essencial para a comunidade e para quem busca visitá-los.

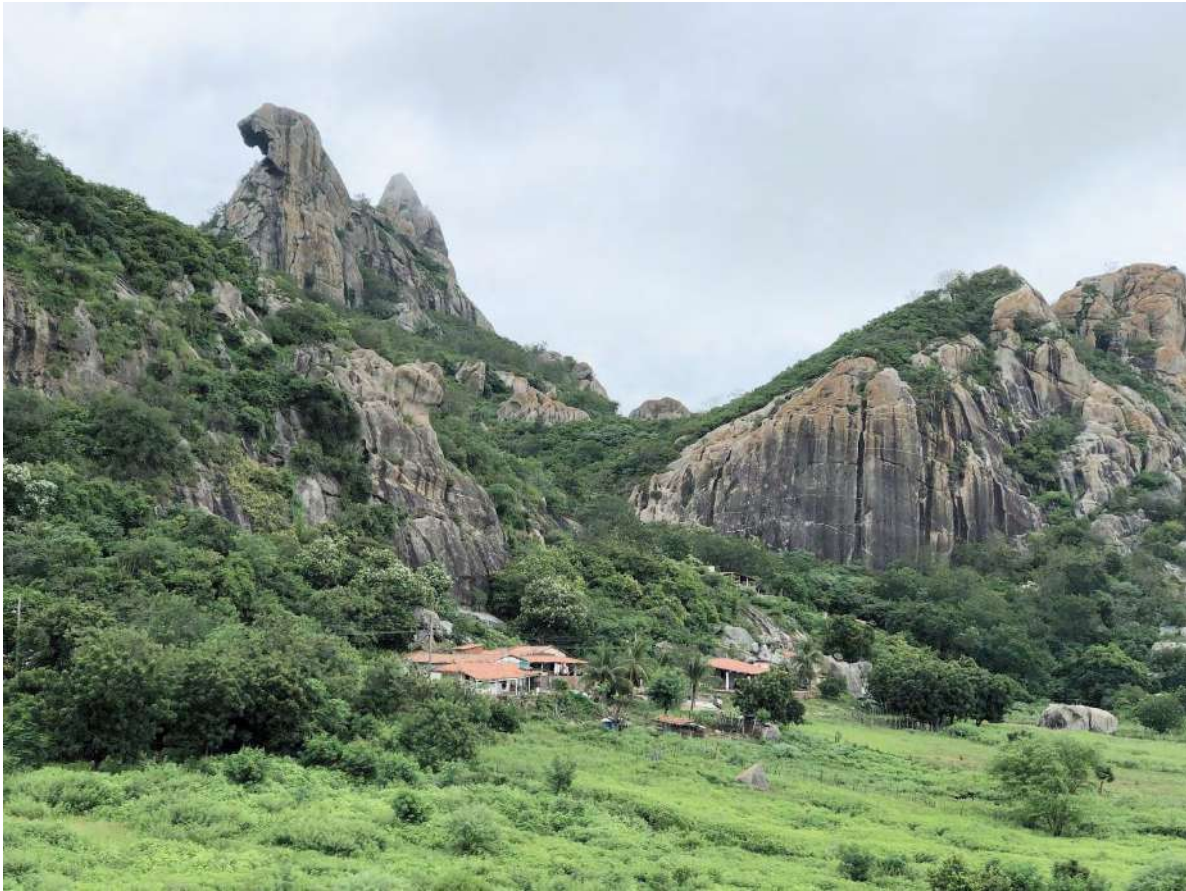


Figura 39: Parte da Comunidade Cedro Novo ao sopé da Pedra da Galinha Choca. Quixadá-CE.
Autoria: Jobedir Ravette, 2024.

Cláudia Maria, também moradora, ressaltou um acontecimento inusitado, onde um turista, ao chegar em Quixadá e avistar a exuberância do monólito à distância, fez questão de conhecê-lo de perto, recorrendo aos moradores. Assim, para além de um cartão postal do município de Quixadá, a Pedra da Galinha Choca é um centro de visibilidade que atrai olhares e atividades comerciais e turísticas, favorecendo os que ali habitam.

Beira do Açude

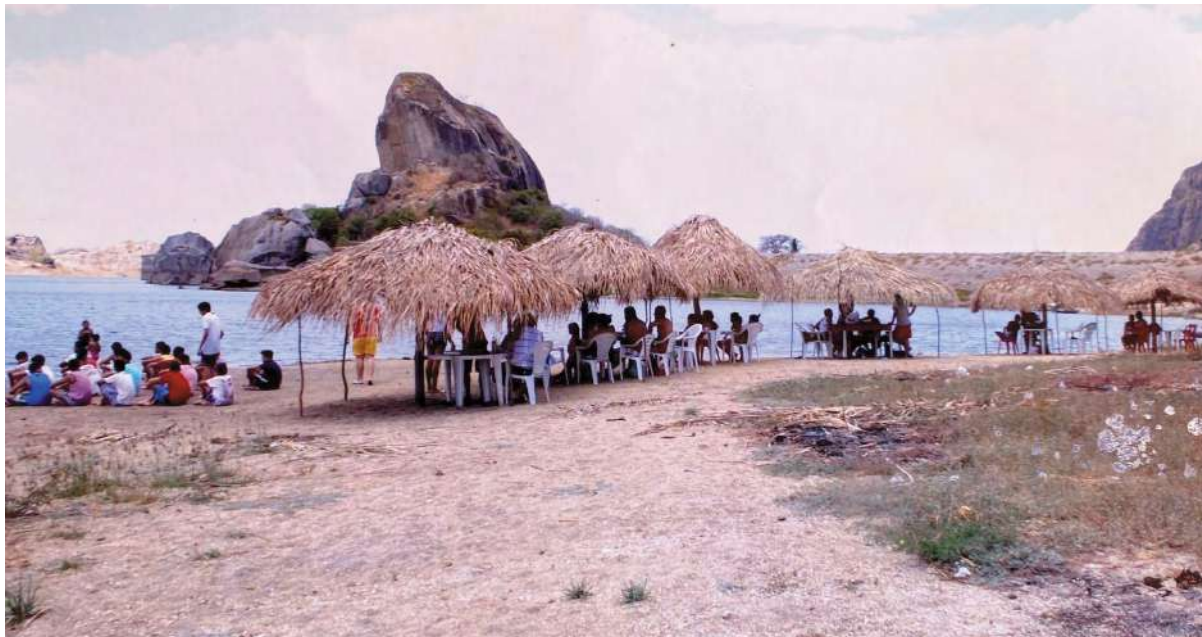


Figura 40: Barracas de palha na beira do Açude Cedro, Quixadá-CE no ano de 2005.

Fonte: Acervo pessoal de Augusto Lúcio Freitas.

O que é?

A “beira do açude” refere-se às margens do reservatório de água do Açude Cedro diretamente vinculadas à Comunidade. Para os moradores representa um espaço de delimitação oscilante, já que se organiza a partir das variações do regime hídrico. Esse local agrega uma gama de atividades e apresenta especificidades por se tratar de ambiente que concentra trabalho e lazer, desde práticas agropecuárias e/ou da pesca, cacimbões de seca (poços) e banhos nas áreas de vazante.

A presença da água é um importante atrativo, especialmente em uma região onde sua escassez é comum (Maciel e Pontes, 2015). Em alguns anos do passado, formava-se o que chamavam de “prainha do açude”, com a instalação de barracas e bares improvisados. Segundo os moradores, essa prática foi proibida nos últimos anos, resistindo em suas memórias como algo relevante, relacionando-se com a existência do Bar da Mangueira.



Figura 41: Beira do açude: faixa de terra entre a Comunidade e o Cedro.
Autoria: Mateus Pinheiro, 2024.

O termo “beira do açude” foi citado principalmente pela íntima relação dos moradores com o lugar, por meio das memórias de práticas de lazer do passado ou da convivência atual relacionada às atividades produtivas (roçados, lavouras de vazante e terrenos de criação). Assim, ao longo do tempo, ocorreram diferentes usos desse lugar por meio da ação cotidiana da comunidade, como citado pela moradora Gabriela Pinheiro: “A beira do açude que a gente fala é onde fica a extremidade do açude, que fica localizado em frente a minha casa, e lá era um lugar onde eu e todas as minhas primas brincávamos, porque basicamente nascemos todas em época só, temos praticamente a mesma idade, então brincávamos basicamente todos os dias de tarde quando chegávamos da escola, fazíamos as tarefas de casa e íamos brincar no açude, aí brincava de futebol, carimba, pega pega”.

Através desse relato se percebe a estreita relação que pessoas da comunidade estabeleceram, desde a infância, com a beira do açude, unindo a tradição das brincadeiras com os usos e ofícios familiares, significativos para a memória coletiva.

Mangueiras do Cedro Novo



Figura 42: Mangueiras no antigo Parque Recreativo dos Servidores do DNOCS, ao lado do canal principal de irrigação, Quixadá-CE.

Autoria: Mateus Pinheiro, 2024

O que são?

As mangueiras (*Mangifera indica*) são árvores frutíferas de origem asiática, porém adaptadas ao Novo Mundo e comumente encontradas no semiárido cearense. Os portugueses introduziram a espécie no país e já no século XVII a fruta se espalhou por todo território nacional (BBC NEWS BRASIL, 2018). No sertão, necessita estar em ambientes mais úmidos, como aluviões, vertentes de açude e serras - ou em áreas irrigadas. As mangueiras da comunidade estão ligadas ao que a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária define como fase extensiva da lavoura no Brasil (SILVA; CORREIA, 2004), com variedades locais (rosa, espada) e baixo uso de tecnologia, uma vez que nunca foram os plantios principais do antigo perímetro irrigado.



Figura 43: Mangueiras no antigo balneário do DNOCS, ao lado do canal de irrigação, Quixadá-CE.

Autoria: Mateus Pinheiro, 2024

Apesar de estarem presentes em todo o território do Cedro Novo, as mangueiras citadas pelos moradores referem-se ao antigo balneário (Parque Recreativo dos Servidores do DNOCS), espécie de clube de lazer dos loteiros e funcionários da instituição, localizado logo abaixo da parede principal do Açude Cedro e ao longo do principal canal de irrigação, atualmente desativado.



Figura 44: Entrada do antigo balneário do DNOCS, Quixadá-CE.

Autoria: Mateus Pinheiro, 2024.

As pessoas enxergam essas árvores como uma representação centenária que remete às memórias afetivas da época que brincavam, escalavam, se escondiam e colhiam os frutos para alimentar-se em diferentes situações. A relação desenvolvida com as mangueiras não é recente, mas sim um sentimento perpassado por gerações. O morador Chico Preto relata que existia uma comercialização dos frutos para complementar a renda familiar. Ele mesmo colhia as mangas com seu avô e as levava para vender no centro da cidade de Quixadá.

Existem mangueiras nos lotes e quintais, porém as árvores de grande porte situadas nessa área específica são as que remetem às principais lembranças e histórias, constituindo o pomar um refrigerio por sua folhagem perene e vistosa.

4.5. Objetos

Covo para pesca de camarão



Figura 45: Covo de camarão, armadilha para pesca, comunidade Cedro Novo, Quixadá- CE.
Autoria: Iarlei Soares, 2023.

O que é?

O covo de camarão é uma armadilha artesanal produzida a partir da palha da carnaúba, fixada com arame em formato cilíndrico com cerca de 50 cm, possuindo internamente uma espécie de funil (chamado de sangra) no intuito de capturar o camarão. É comum encontrar esse tipo de apetrecho de pesca, também conhecido como matapi, nos açudes do sertão cearense, fazendo parte da cadeia produtiva do crustáceo (DIÁRIO DO NORDESTE, 2020).

Robério dos Santos, morador do Cedro Novo, detalha como os covos são distribuídos pelo açude. Os mesmos são presos por linhas estendidas na superfície que podem chegar a 100 metros de comprimento e permanecem submersos a uma distância de aproximadamente de um metro entre si por até três dias, com o auxílio de pequenas rochas como âncoras.

Para que os camarões sejam atraídos para dentro dos covos, são colocadas iscas produzidas artesanalmente na comunidade. As mesmas são compostas por farinha de trigo e uma ração industrializada à base de farelo de trigo, conhecida como remoído. A partir disso, é realizada a composição da massa com a junção de água, posteriormente modelada em circunferências de aproximadamente três centímetros e assadas em uma fogueira.



Figura 46: Detalhes da estrutura interna do covo para pesca de camarão.
Autoria: Mateus Pinheiro, 2024.



Figura 47: Isca utilizada no covo para pesca de camarão.
Autoria: Mateus Pinheiro, 2024

Cada conjunto de covos tem uma marcação própria para diferenciar seus donos, podendo ser utilizada a própria vegetação, tecidos, plásticos e varas que são raspadas para as demarcações. O covo de camarão é um objeto que representa a intrínseca relação sociedade/natureza, especialmente dos moradores do Cedro Novo com o Açude Cedro.

Galão de pesca



Figura 48: Galão de pesca, comunidade Cedro Novo, Quixadá-CE.
Autoria: Jobedir Ravette, 2024

O que é?

O galão é uma rede de espera feita com linhas de náilon que possui diferentes medições e tramas conforme o tipo e tamanho do peixe a ser capturado. Alguns chegam a ter cerca de 200 metros de comprimento e altura variando de um a três metros, tendo seu tamanho relação com o poder aquisitivo do pescador (SANTOS, 2010). Os moradores do Cedro Novo geralmente compram os galões em lojas de pesca ou feiras, cujo preço varia entre R\$ 75,00 e R\$ 300,00 (valor em novembro de 2023), dependendo da qualidade, comprimento e tamanho da malha.

São utilizados na “pesca de espera”, onde o mesmo ficará por um tempo determinado por cada pescador, em geral equivalente a cerca de 24 horas, de acordo com as técnicas adquiridas no desenvolver dessa prática. O galão permanece estendido por um cordão de bóias que indicam onde a rede está localizada no açude, tendo na canoa um meio de transporte nesse trabalho.

A relação com o objeto apresenta singularidades para cada pescador. Alguns detêm a técnica de consertar a malha, outros executam a pesca circundando a área e batendo na água com pedaços de madeira para atrair os peixes até a armadilha, enquanto outros associam à pesca com o galão, o uso da tarrafa e da linha de mão com vários anzóis iscados.

Assim como em outras grandes barragens cearenses, diversas espécies costumavam ser capturadas, tais como: curimatã, piau, tilápia, cangati e traíra (BEZERRA; SILVA, 1975);

porém, há relatos dos moradores de que havia maior abundância de pescados no passado devido às repetidas secas que impactaram o volume d'água do Açude Cedro. Salienta-se que nos trabalhos de campo em 2023 e 2024 foi relatado apenas a pesca da tilápia.

Tarrafa

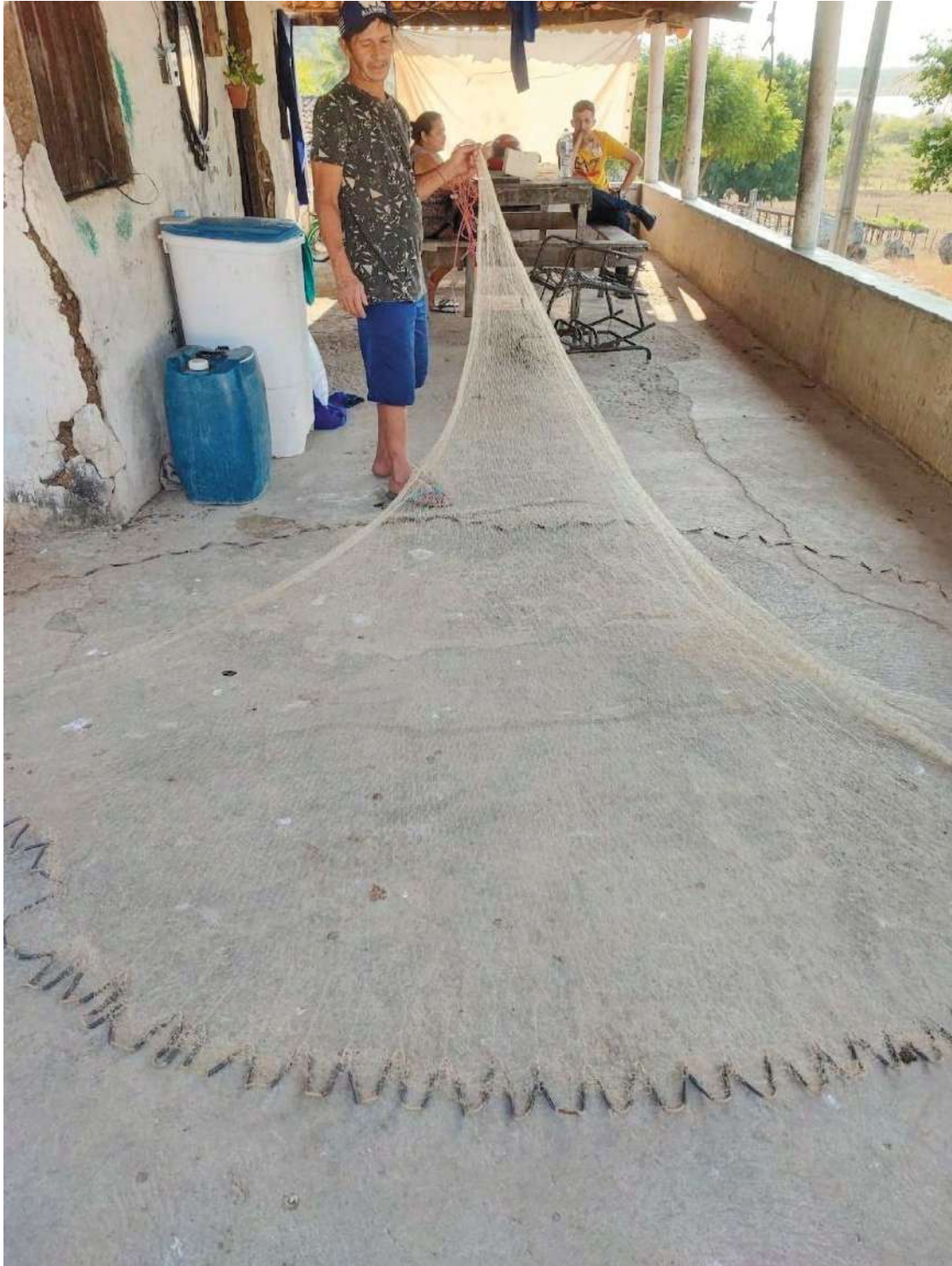


Figura 49: Roberio Sobrinho com uma tarrafa, comunidade Cedro Novo, Quixadá-CE.
Autoria: Mateus Pinheiro, 2024.

O que é?

A tarrafa, também conhecida como rede de caída, é um dos objetos que compõem os vários modos de pesca artesanal utilizados na Comunidade ao longo das margens rasas do Açude Cedro. O apetrecho tem em sua composição linhas de náilon com bordas guarneçadas de pesos de chumbo, possuindo diversos tamanhos, dependendo da área pesqueira onde será utilizada. O seu formato é circular podendo ser confeccionada tanto à mão quanto por máquinas modernas.

Segundo Ribeiro et al. (2022), a pesca artesanal, além de fonte de renda, é uma maneira de manutenção de vínculos humanos e culturais para as comunidades, tendo baixo impacto ao meio ambiente. Os pescadores de Cedro Novo desenvolveram ao longo do tempo habilidades de produção, conserto e pesca com a tarrafa, devido à rede ser considerada um objeto de difícil manuseio pelo seu peso e formato peculiar, além de toda uma movimentação com o corpo que irá interferir diretamente na captura dos peixes.

A tarrafa ao ser lançada para o alto e à frente recebe um impulso de giro, de modo que cai totalmente aberta na água, formando um círculo. Em sequência, as chumbadas fazem com que a mesma afunde, aprisionando os peixes de acordo com o tipo de malha.

A pesca na comunidade é uma atividade culturalmente transmitida de geração em geração, que ocorre em áreas comuns do grande espelho d'água, sendo mantida desde a construção do Açude Cedro até um determinado período como principal meio de sobrevivência das famílias, conforme relatado pelas famílias.

Com a baixa recorrente do reservatório, a dinâmica da pesca se modificou, diminuindo a sua importância, apesar de permanecer como uma fonte de renda extra e um momento de lazer e socialização comunitária.

4.6. Edificações

Casas do Cedro Novo

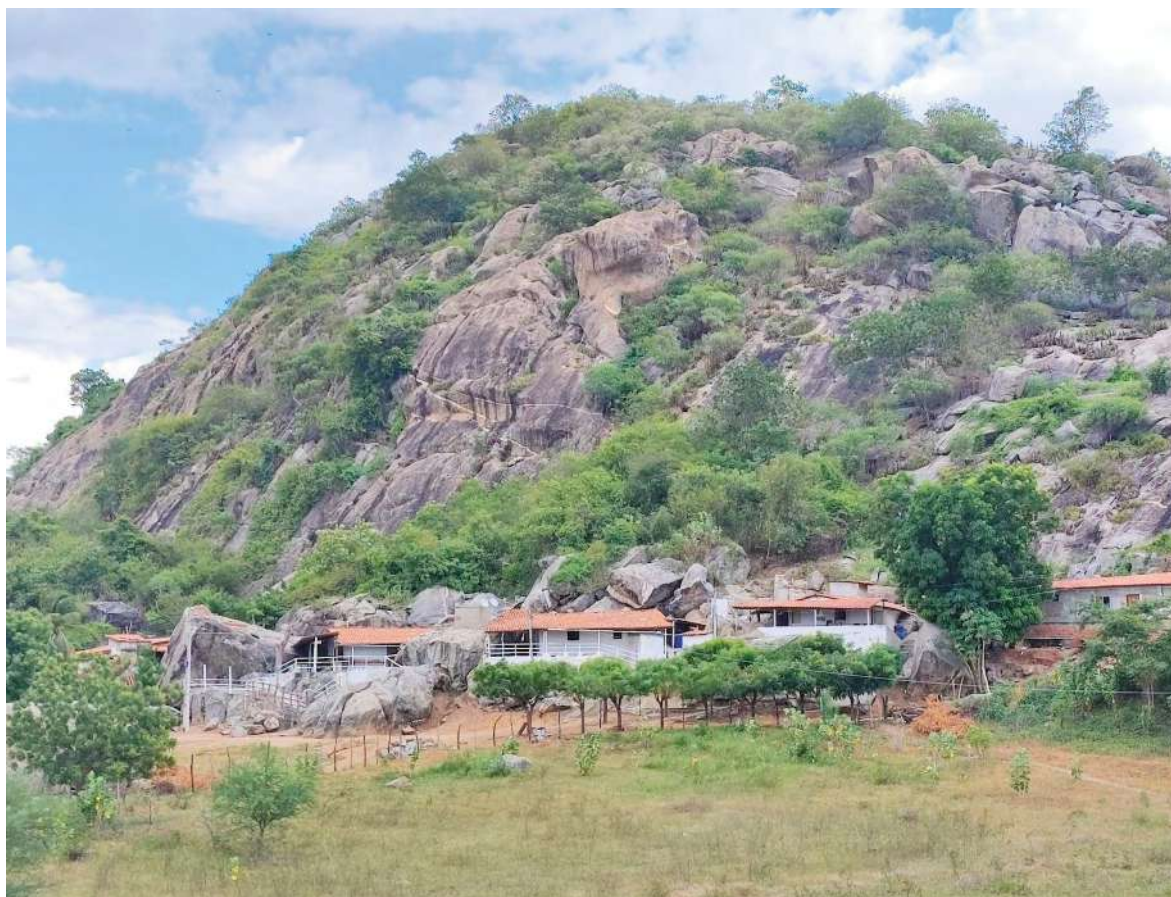


Figura 50: Casas da Comunidade Cedro Novo, a montante da barragem - Quixadá-CE.
Autoria: Mateus Pinheiro, 2024.

O que é?

Condensam características pertinentes à noção de lar, afetividade e pertencimento naquele determinado espaço, dentre as quais se destacam a coletividade atribuída a essas construções. Por conseguinte, a apropriação desse espaço edificado carrega em si a percepção da casa enquanto moradia inserida no território mais a condição do movimento do habitar.

As casas da Comunidade Cedro Novo apresentam diferentes padrões construtivos. Devido a relação com o DNOCS, existem casas de alvenaria. No início da ocupação, as construções das habitações eram realizadas pelo DNOCS, seguindo o padrão estabelecido pelo órgão. Posteriormente, nos lotes secos, a montante da parede sul, foram permitidas construções exclusivamente de taipa pelos arrendatários. O termo taipa, genericamente empregado, significa a utilização de solo, argila ou terra como

matéria-prima básica de construção (PISANI, 2004). Conforme foi relatado por uma moradora da comunidade, Isa Nunes: “As casas são de taipas, feitas com um barro especial tirada de um barreiro próximo ao açude que tem um barro específico, usam pedras e as madeiras são nativas como a carnaúba’.



Figura 51: Aspecto da fachada lateral de casa de taipa na Comunidade Cedro Novo, Quixadá-CE.
Autoria: Mateus Pinheiro, 2024.

A partir das construções das casas do Cedro Novo, pode-se observar características específicas e únicas desenvolvidas pelos moradores, seguindo técnicas tradicionais e inovações adaptativas. É evidente as particularidades que fazem com que essas práticas sejam marcas identitárias da comunidade, tais como o processo de seleção de materiais até o resultado final de cada unidade habitacional, demonstrando um pertencimento ao local. Assim, essa forma de edificar e o processo que é passado de geração a geração fazem os tornam elementos culturais comunitários.

Igreja Evangélica (Assembleia de Deus no Brasil - Ministério da Graça)



Figura 52: Igreja Evangélica da comunidade Cedro Novo, Quixadá-CE.
Autoria: Mateus Pinheiro, 2024.

O que é?

A Igreja Assembleia de Deus no Brasil é uma edificação onde diversos moradores do Cedro Novo se reúnem para suas manifestações de fé e crenças há mais de três décadas. A estrutura arquitetônica é constituída por taipa: processo que utiliza argila compactada para levantar paredes, conforme Lopes et al. (2013) e Santos (2022), com pintura e decoração que prezam pela simplicidade, sendo as janelas e porta de madeira nas cores branca com o nome Assembleia de Deus no Brasil em azul.

Construída a partir de 1988 pelos próprios moradores, a Igreja dispõe de cinco metros de frente por 15 metros de comprimento, com altura aproximada de três metros, sendo o telhado coberto por telhas do tipo colonial de barro. O interior da Igreja apresenta piso em cerâmica clara, iluminação elétrica, bancos longos de madeira e cadeiras de plástico, com diferentes mensagens bíblicas pintadas nas estruturas. Nas proximidades da tribuna, uma cortina verde adorna o espaço, que conta com ventiladores e caixas de som pregados nas paredes laterais.

O atual Pastor, senhor Francisco de Assis Pinheiro, destaca que todos os membros são importantes na caminhada religiosa relacionada à Igreja: “a igreja evangélica da comunidade eu ajudei a erguer no meio das casas faz mais de 30 anos. Ela atende moradores e famílias que moram fora, famílias, vizinhos e quem mais precisar de alguma forma de ajuda, realiza casamentos, aniversários, velórios etc. Tinha uma primeira igreja desde os anos 1960, na época era proibido pelo DNOCS e a gente celebrava debaixo das árvores”.

André Pinheiro, neto do pastor Assis, corrobora a fala do pastor sobre o envolvimento da comunidade na construção da Igreja:

“Foi construída de pau a pique (taipa) no começo do ano de 1988. No dia 09 de setembro teve sua inauguração na comunidade de Cedro Novo. A igreja foi algo conquistado pela união da comunidade, tendo em vista que foi feita com a aprovação dos moradores e os mesmos que cederam o local para a construção e desde 1988 é tradição das famílias se encontrarem para cultos evangélicos. Antes de 1988 os encontros para cultos eram feitos nas casas dos fiéis, e como conta o presbítero André Bessa, os pastores Genésio Carneiro e Zezinho decidiram fazer a construção de um templo, que contou com a aprovação da comunidade”.

A edificação é um local importante para a comunidade, pois possibilita celebrações diversas, como casamentos, batizados e cultos, congregando aqueles que comungam da mesma fé.

Bar da Mangueira



Figura 53: Alpendre do Bar da Mangueira na comunidade Cedro Novo, Quixadá-CE.
Autoria: Mateus Pinheiro, 2023.

O que é?

O Bar da Mangueira é uma edificação que fica nas intermediações da Parede Sul do Açude Cedro e um dos pontos de acesso à Pedra da Galinha Choca. O local é receptivo, ofertando culinária caseira com sabores que remetem às comidas sertanejas. Apresenta vínculo cultural com a Comunidade por funcionar como espaço para as reuniões da Associação de Moradores do Cedro Novo, além de ser área de lazer comunitário e para eventuais turistas.

Como informado por Robério dos Santos, atual proprietário do empreendimento, as atividades comerciais se iniciaram em 1986, então às margens do açude. A priori, o Bar estava organizado de modo similar a uma barraca de praia. Em 1989 aconteceu o último transbordamento da barragem do Cedro (ALFANO, 2022), tal situação fez com que os proprietários deslocassem o Bar para uma área mais alta e segura. Com a mudança de local, construíram um novo ambiente de taipa, posteriormente reformado em alvenaria, tomando assim maiores proporções e ocupando o espaço onde hoje se encontra.



Figura 54: Detalhe do Bar da Mangueira na comunidade Cedro Novo, Quixadá-CE.

Autoria: Mateus Pinheiro, 2025.

O mesmo é um dos pontos de encontro das famílias e popularmente conhecido por agradar a quem visita e ali consome. Como resultado, críticas positivas foram surgindo e o fluxo de clientes foi aumentando. Uma das peculiaridades do Bar é promover um ambiente para conversas com amigos, familiares, banhos no açude, peixadas, encontros, recepção de turistas etc.

Atualmente, o Bar é uma edificação em alvenaria organizada em um grande alpendre, contíguo à residência de Dona Vanda, mãe de Robério Santos. As áreas de consumo estão distribuídas numa parte coberta por telhas do tipo colonial e outra área aberta, resguardada do sol por frondosas mangueiras. Nessas áreas, estão dispostos conjuntos de mesas com diferentes configurações, atendidos por cerca de 15 funcionários na alta estação.



Figura 55: Vista externa do Bar da Mangueira, na comunidade Cedro Novo, Quixadá-CE.

Autoria: Mateus Pinheiro, 2025.

Assim, o Bar da Mangueira configura-se como um espaço amplo onde famílias quixadaenses e turistas se encontram em diferentes momentos, com maior intensidade nos fins de semana.

Paredes do Açude Cedro (parede seca e parede grande)



Figura 56: Parede Seca (Barragem Sul,) Cedro Novo, Quixadá-CE.

Autoria: Mateus Pinheiro 2024.

O que é?

A barragem do Açude Cedro, projetada após longas disputas políticas e científicas (MONTEIRO, 2012), consiste em vários diques, seja de alvenaria ou de terra revestida com grandes blocos de rochas. O açude conta com quatro barramentos identificados, sendo eles: central, norte, sul e sangradouro (vertedouro). Os moradores do Cedro Novo destacam em suas falas o central (chamado de Parede Grande) e o Sul (denominado de Parede Seca).

A Parede Seca, barramento lateral que complementa a barragem principal, é uma das construções de terra e granito situada na extremidade meridional do conjunto de obras, sendo um dos caminhos para acessar a trilha da Galinha Choca, através da Comunidade Cedro Novo. Em geral, tem passado a maior parte do tempo sem contato com o espelho d'água, visto que nos últimos anos o Açude Cedro não conseguiu armazenar grande volume hídrico.

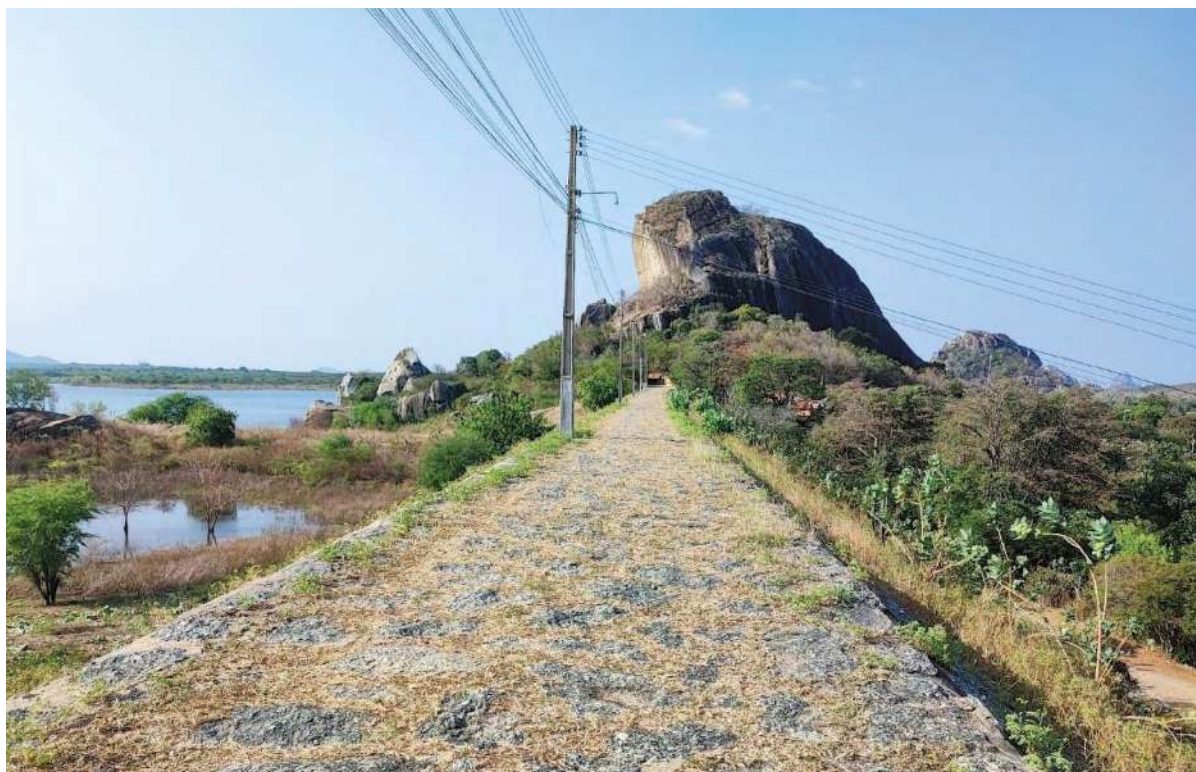


Figura 57: Parede Seca (Barragem Sul,) Cedro Novo, Quixadá-CE.

Autoria: Mateus Pinheiro, 2024.

Esse lugar representa muito para a comunidade, visto que é o acesso principal à parte dos lotes, sobretudo àquelas casas que estão perfiladas da barragem até o início da trilha da Galinha. Apresenta um formato de trapézio, coberta por gramíneas. À montante tem áreas usadas na agricultura de vazante e pasto, uma vez que as estruturas de irrigação (canais, comportas, etc.) foram apenas instaladas à jusante do complexo hídrico.

Os moradores costumam percorrer a barragem sul como parte dos seus trajetos diários. Além disso, Cláudia relembrou um hábito da época em que as águas do Açude eram essencialmente o suporte da sua sobrevivência por oferecer peixes, camarões e agricultura de vazante: quando a “lua estava clara” (lua cheia), as pessoas se reuniam para jantar peixes no topo da edificação, sendo um momento de encontro e lazer.

Cotidianamente, a Parede Seca estabelece uma relação afetiva significativa para a comunidade, uma vez que os moradores transitam e utilizam esse espaço para suas atividades diárias. Além disso, foi relatado que essa barragem é menos visível para turistas, geralmente concentrados na Parede Principal. Visitantes atravessam a barragem Sul somente com o intuito de realizar a trilha da Galinha Choca.

A Parede Central, plena de adornos e feições estéticas que logo atraem o olhar turístico, está mais distante física e simbolicamente dos moradores, apesar do seu requinte arquitetônico. Ainda assim, a Parede Grande, como também é conhecida

pelos moradores, é um símbolo de admiração e um dos pontos turísticos mais visitados de Quixadá. Segundo Silva (2020, p. 13) “a parede principal tem formato de arco em alvenaria de pedra que é apoiado sobre dois monólitos no local onde ficava o antigo leito do curso do rio Sitiá (rio intermitente da região)”. É feita de alvenaria, com varandas de arabescos com ferro importado da Inglaterra (SALES, 2021).



Figura 58: Parede grande, Açude Cedro, Quixadá-CE.
Autoria: Mateus Pinheiro, 2024.

A Parede Grande assume uma função significativa para a comunidade, já que a partir dela é possível visualizar uma parte do Cedro Novo com casas no sopé dos monólitos e enquadradas pela Pedra da Galinha Choca. Nas palavras de Dona Reijane Queiroz: “Quando vamos fazer caminhada na parede sempre ficamos olhando a comunidade de lá, pois tem a vista para as casas e é como olhar para um espelho. Gostamos de ver o pôr do sol da parede grande, diferente todos os dias”. No ângulo oposto, a apreciação estética também toca os moradores, o que fica evidenciado na fala de Isael quando afirma emocionar-se ao lembrar de quando se sentava nos lajeiros para observar o paredão do Açude Cedro iluminado à noite, mesmo nos tempos em que não havia energia elétrica nas moradias da comunidade. A construção, iniciada em 1890, representa muito para cada morador. Isael Silva relata a admiração que tinha das luzes que iluminavam o percurso da barragem principal: “na época, nossas casas não

tinham luz e eu gostava de ficar olhando para as luzes da parede”. Esse lugar desperta muitas lembranças que são relatadas pela comunidade que zela pela conservação e manutenção do local.

As duas estruturas, apesar de não terem sido construídas de maneira direta pelos atuais moradores, são ressignificadas a partir dos modos de olhar: da Parede Grande, é possível aos moradores observarem a comunidade ao sopé dos monólitos; da Parede Seca, eles vivenciam um cotidiano de quem transita de jusante a montante da grande barragem.

Galpões do DNOCS

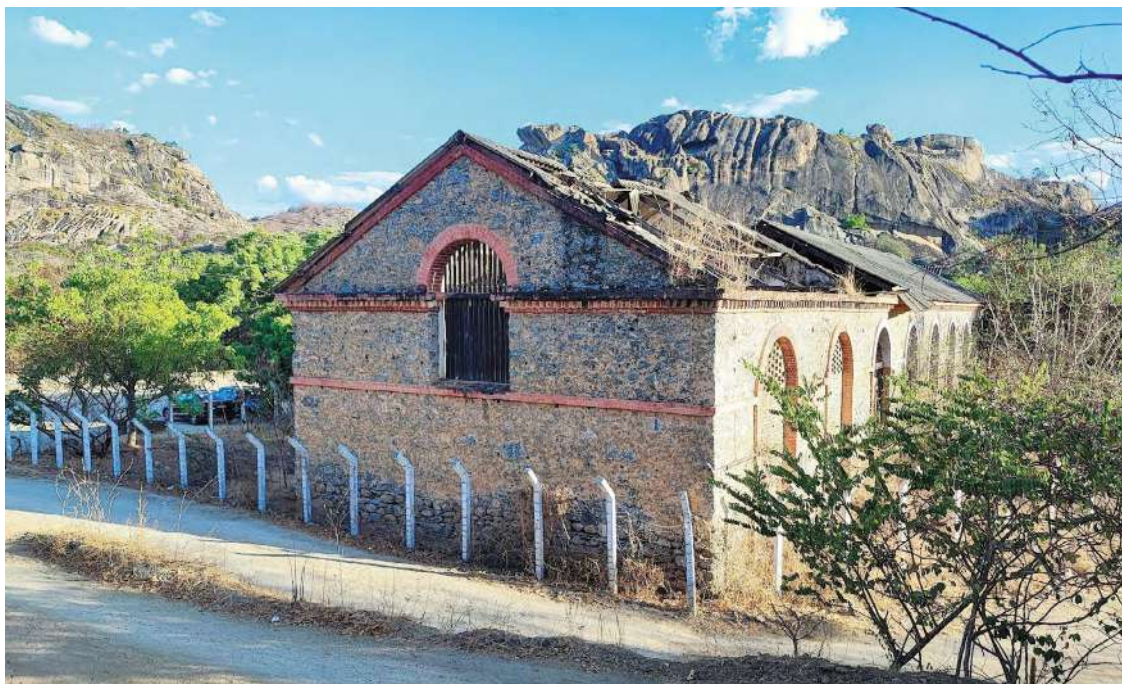


Figura 59: Galpão do DNOCS (projetado e construído entre 1882 e 1906), localizado na entrada de acesso para a Comunidade Cedro Novo, Quixadá-CE.

Autoria: Mateus Pinheiro, 2024.

O que são?

Os galpões constituem duas grandes construções localizadas próximos das residências da Comunidade Cedro Novo e vinculam-se diretamente à história das pessoas que ali residem. São edificações de alvenaria e pedra, datadas do período em que foram realizadas as obras de construção do Açude Cedro (virada do século XIX para o XX). Sua finalidade inicial era o armazenamento de materiais e equipamentos de engenharia, tendo sido usados ocasionalmente como alojamento de trabalhadores. Aliado a seu passado longínquo, perdura uma crença de que esses locais seriam senzalas para escravizados que, supostamente, trabalharam na obra da barragem, questão já refutada (MONTEIRO, 2020).



Figura 60: Lateral de um dos galpões do DNOCS, Quixadá-CE.
Autoria: Caio Maciel, 2023.

Acredita-se que os trabalhadores enfrentaram condições análogas às de escravidão, às vezes, em troca de alimentos (CRUZ, 2006). Sobre essas condições, relata Monteiro (2020) que os serviços eram mal pagos, mesmo assim, em 1889, milhares de retirantes da seca se deslocaram para a cidade de Quixadá, esperando obter alimentos e ocupação, o que alarmou as autoridades. Temiam-se revoltas contra os precários modos de vida nas obras do reservatório, como de fato chegou a ocorrer. Um dos engenheiros, Jules Revy, certa vez se posicionou como negociador entre os retirantes insatisfeitos e chefes locais, tentando evitar uma rebelião geral. São histórias que deixam margem na questão da existência de mão-de-obra escravizada que perdura até hoje no imaginário popular.

Atualmente, os galpões contêm peças de maquinários utilizados na época de construção do açude, porém em estado precário, desgastados pelo abandono a que todo o complexo de edificações tem sido relegado. Para a comunidade, o significado especial não está ligado somente à história construtiva dos galpões. As edificações constituem memórias coletivas para os habitantes, que mostram indignação com o abandono de órgãos que deveriam cuidar dos dois prédios.

Segundo Isael Silva, presidente da associação dos moradores: “os galpões são a entrada do Cedro, [causam um] impacto de monumento pela sua arquitetura; um dos cartões postais; eles trazem toda a história dos antepassados. O impacto de antigamente, mas que hoje o impacto é outro pelo fato do seu abandono; o descaso do DNOCS; causa até um pouco de raiva na comunidade o poder público não olhar para esse lado”.



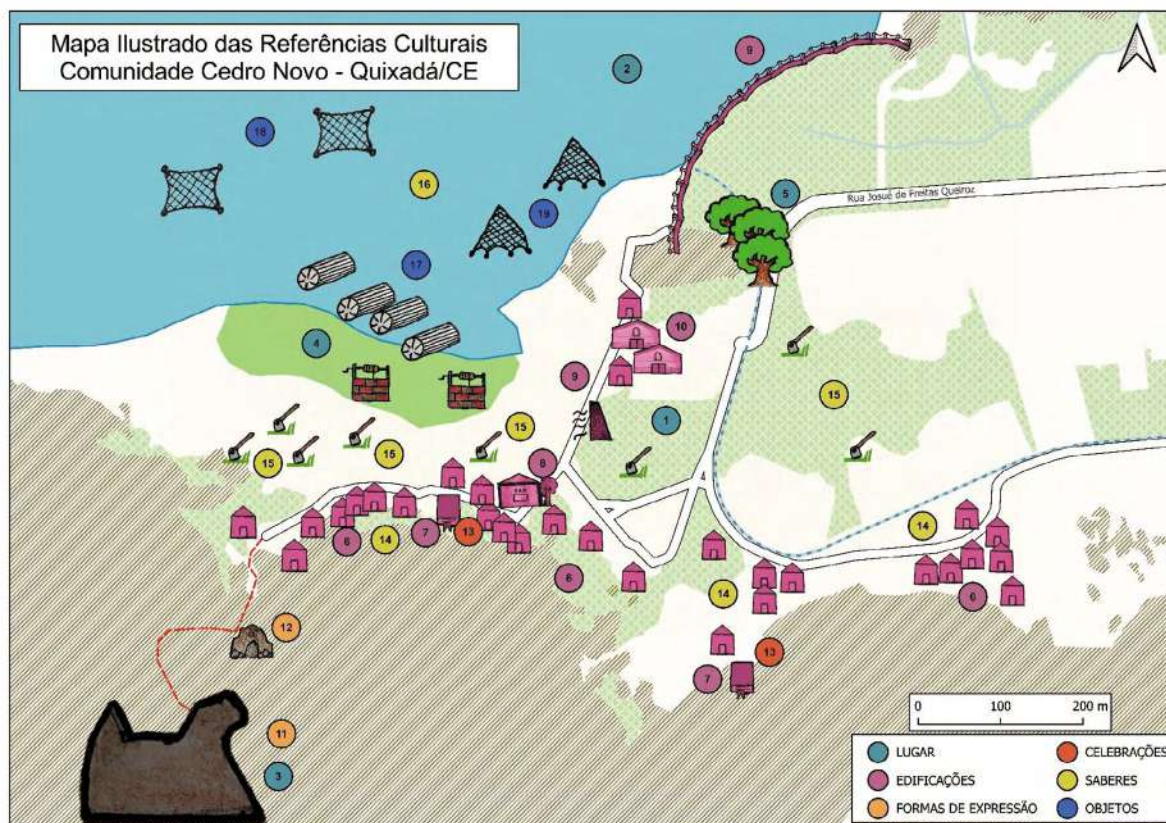
Figura 61: Galpão do DNOCS conhecido como “vilinha”, Quixadá-CE.

Autoria: Caio Maciel, 2023

Entre os relatos, foi destacada a importância dos galpões como porta de entrada simbólica para o complexo do Cedro. O presidente da associação de moradores, Isael, comentou: “É em frente a eles que os visitantes estacionam os carros, ônibus e até as equipes de TV”. A comunidade reforçou o valor histórico e afetivo desses espaços, que precisam ser cuidados e preservados, reconhecendo, portanto, o potencial dos galpões como ponto de recepção e memória viva do Cedro Novo.

Outras histórias relativas às construções impressionam: na interseção dos dois galpões havia uma capela católica em homenagem a São José onde aconteciam celebrações comunitárias, inclusive batizados e casamentos, como lembrou Fábio Pinheiro. Lá também era um espaço para brincadeiras das crianças, seja nos arredores ou dentro dos mesmos, marcando uma geração que tinha identificação para com essas construções. O segundo galpão, mais próximo da Parede Sul do Cedro, é conhecido localmente por “vilinha” e abrigou dezenas de famílias que foram removidas pelo DNOCS sob a promessa de recuperação das instalações - o que ainda não foi feito - motivando tristeza e desconfiança dos moradores. Para a comunidade, tais estruturas compõem tanto marcas históricas da construção do Cedro quanto das memórias remetidas às suas trajetórias familiares.

5. Mapa Ilustrado das Referências Culturais



Celebrações

1. Cultos evangélicos

Os cultos são momentos essenciais da identidade e história da comunidade. A tradição de se reunir para liturgias evangélicas une gerações e fortalece laços espirituais e sociais. Constituem práticas de celebração e congregação que entrelaçam vida e espiritualidade.

Saberes

2. Construção de casas de taipa

Técnica de arquitetura em terra, que consiste no uso de um arcabouço trançado de madeira, preenchido com argila, saber-fazer mantido pelas famílias. A rusticidade do material e da técnica testemunham o esforço da comunidade para se manter em áreas não assistidas por edificações e infraestruturas do DNOCS ou prefeitura.

3. Plantio de roçados

Saber ancestral que compõe a identidade do Cedro Novo, expressando a rica experiência de habitantes da caatinga na convivência com o semiárido. Refere-se a áreas cultivadas e pequeno criatório com ou sem uso de coivara para limpar porções de terra. A prática congrega saberes e maneiras de cultivar os campos ou de criar animais vinculados às relações da sociedade com o meio ambiente.

4. Pesca artesanal

Atividade tradicional importante para a subsistência e renda familiar. O Cedro Novo tem na pesca uma de suas alternativas econômicas, mesmo considerando as secas e a descontinuidade de políticas públicas. A pesca criou nos moradores a habilidade de lidar com o meio ambiente, com ferramentas, utensílios e técnicas, criando significados sociais.

Formas de Expressão

5. A maneira de ver a Pedra da Galinha Choca

Os moradores possuem um jeito peculiar de significar essa formação rochosa, que constitui um símbolo da comunidade, presente em suas recordações e cotidiano. Além de sua importância geológica, tal inselberg desempenha um papel social, visibilizando a existência do Cedro Novo. Assim, a Pedra da Galinha Choca é um emblema que expressa a história e o modo de ver a paisagem da comunidade.

6. Brincadeira de Casinha do Mato

Brincar de fazer casas de taipa era uma atividade comum entre as crianças do Cedro Novo, que usavam a vegetação da caatinga e rochas para construir cabaninhas perto de seus lares. Tal atividade era efêmera, mas os resquícios permanecem na memória dos moradores, pois a brincadeira simbolizava forte vínculo com a natureza e o modo de ser camponês.

Lugares

7. Comunidade Cedro Novo

Coletividade formada por famílias que vivem no local há gerações, vinculadas ao Açude Cedro e à vida rural. Os moradores descendem de loteiros do DNOCS e sua possível remoção representa uma ameaça ao modo de vida e aos laços identitários da comunidade, que não se vê como invasora, mas como legítima herdeira do lugar.

8. Açude Cedro

Primeiro grande projeto de açudagem do Brasil, construído para enfrentar as secas do semiárido cearense. Hoje, além de sua importância histórica e econômica, o açude é um marco paisagístico e cultural tombado pelo IPHAN, integrando a vida das comunidades ao seu redor.

9. Pedra da Galinha Choca

Monólito mais conhecido de Quixadá, destacando-se por sua forma peculiar e significativos vínculos identitários com a Comunidade Cedro Novo, é um marco geológico e paisagístico, possuindo grande valor estético e cultural. Além de ser um cartão postal do município, faz parte de uma Unidade de Conservação do estado do Ceará.

10. Beira do açude

Margens do Açude Cedro vinculadas à Comunidade Cedro Novo, sendo um espaço de trabalho e lazer marcado pelas variações do regime hídrico. Historicamente, abrigou práticas agropecuárias e de recreação. A relação dos moradores com o local envolve memórias afetivas, reforçando seu significado na identidade comunitária.

11. Mangueiras do Cedro Novo

Árvores frondosas presentes em todo o território do Cedro Novo, as mangueiras localizadas especificamente no antigo balneário do DNOCS possuem forte vínculo com a comunidade. Além de fornecerem sombra e frutos, essas plantas centenárias carregam memórias afetivas de momentos de lazer.

Objetos

12. Covo para pesca de camarão

Armadilha artesanal cilíndrica, feita de carnaúba e arame, com um funil interno para capturar camarões, presos por linhas e mantidos submersos por até três dias. Para atrair os crustáceos, são utilizadas iscas artesanais de farinha de trigo e ração industrializada, modeladas e assadas. Cada conjunto de covos possui uma marcação própria para identificar o dono.

13. Galão de pesca

É uma rede de pesca feita com linhas de náilon em dimensões variadas para se adequar ao tipo e tamanho dos peixes, podendo medir de 200 metros de comprimento a três metros de altura, de acordo com o poder aquisitivo do pescador. No passado, várias espécies eram capturadas no Açude Cedro, mas devido às secas, essa variedade reduziu. Atualmente, a tilápia é a espécie mais pescada.

14. Tarrafa

Instrumento da pesca artesanal usado nas margens do Açude Cedro, feita de linhas de náilon com pesos de chumbo nas bordas e tamanhos variáveis. Possui formato circular e pode ser fabricado à mão ou por máquinas.

Edificações

15. Casas do Cedro Novo

Edificações inicialmente construídas pelo DNOCS em alvenaria, posteriormente, nos lotes secos, foram erguidas habitações de taipa com materiais locais, como barro, pedras e madeira nativa. Seguem técnicas tradicionais transmitidas por gerações, tornando-se um elemento cultural da comunidade.

16. Igreja Evangélica

Construída em 1988 pelos próprios moradores, em taipa, com estrutura simples e funcional. Antes de sua construção, os cultos eram realizados em casas ou debaixo de árvores. O templo tornou-se um espaço central para a comunidade, sediando celebrações religiosas e eventos sociais.

17. Bar da Mangueira

Localizado próximo à Parede Sul do Açude Cedro é um ponto de acesso à Pedra da Galinha Choca. O bar começou como uma barraca de praia à beira do espelho d'água em 1986 e atualmente, edificado em alvenaria em local mais elevado, oferece culinária sertaneja. Gerido por uma das famílias, possui expressivo vínculo cultural, servindo como espaço para reuniões comunitárias e área de lazer.

18. Paredes do Açude Cedro (parede grande e parede seca)

A barragem do Açude Cedro é composta por vários diques de alvenaria e terra com blocos de rocha, dos quais os moradores destacam a Parede Grande (central) e a Parede Seca (sul). A parede principal, com adornos estéticos, atrai turistas e oferece uma vista da comunidade, sendo um ícone regional. A Parede Seca, por sua vez, está mais ligada ao cotidiano dos moradores locais e dá acesso à trilha da Galinha Choca, bem como a alguns lotes e áreas de agricultura.

19. Galpões do DNOCS

Grandes construções de alvenaria e pedra, localizadas perto da Comunidade Cedro Novo, foram erguidas durante as obras do Açude Cedro, entre os séculos XIX e XX. De início serviam para armazenar materiais e equipamentos de engenharia, além de ocasionalmente abrigar trabalhadores. Atualmente estão em estado precário, mas representam memórias coletivas importantes para a comunidade.

6. Referências

AGUIAR, Pinto de Aguiar. **Nordeste, o drama das secas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.

ALFANO, Bruno. Com 115 anos, primeiro açude para combater seca no país volta a ter água após seis meses. **O Globo**. Rio de Janeiro, 09 de maio de 2022. Brasil. Disponível em <https://oglobo.globo.com/brasil/noticia/2022/05/com-115-anos-primeiro-acude-para-combater-seca-no-pais-volta-a-ter-agua-apos-seis-meses.ghtml> Acesso em 12 ago. 2024

BBC NEWS BRASIL. **A fruta que é cultivada há 5 mil anos e virou tesouro nacional em 3 países**, 16 de setembro de 2018. Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/geral-45492345> . Acesso em 20 set. 2024.

BEZERRA e SILVA, José William. **Considerações sobre a biologia da pesca da curimatã comum *Prochilodus cearensis Steindachner*, no açude público "Pereira de Miranda" (Pentecoste, Ceará, Brasil), no período de 1968 a 1971**. Notes et Documents de la Pêche et Pisciculture (NS 11): 1975, p. 1-12. Disponível em: <https://agritrop.cirad.fr/432849/>. Acesso em 21 ago. 2024.

BRASIL. **Cedro, o primeiro açude do Brasil**. Departamento Nacional de Obras Contra as Secas. 25 maio de 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/dnocs/pt-br/assuntos/nossas-historias/cedro-o-primeiro-acude-do-brasil> . Acessado em: out. 2023.

BRASIL. CPRM Serviço Geológico do Brasil. GEOSSIT. **Inselberg Pedra da Galinha**. Disponível em <https://www.sgb.gov.br/geossit/geossitios/ver/193>. Acesso em 25 set 2024.

CADENA, Dirceu; MACIEL, Caio; PONTES, Emílio. Olhares geográficos sobre a patrimonialização da natureza: cidadania paisagística e retórica da paisagem em geoparques do semiárido. IN: PAES, Maria Tereza Duarte; SOUZA, José Arilson Xavier de. **Abordagens geográficas do patrimônio cultural**. Campinas: Amazônia Bookshelf, 2024, p. 161-191.

CEARÁ. Decreto estadual nº 26.805, 25 de outubro de 2002. **Criação da Unidade de Conservação Estadual intitulada: Monumento Natural dos Monólitos de Quixadá (MNMQ)**. Edição estadual, Ceará, 2002.

COSTA. João Eudes. **Retalhos da história de Quixadá**. Fortaleza: Editora ABC, 2002.

CRUZ, Elisângela Martins da Silva. **Açude do Cedro: mitos e verdades**. Os verdadeiros responsáveis pela construção do açude de Quixadá (1884-1906). Rio de Janeiro/São Paulo/Fortaleza, ABC Editora, 2006.

DIÁRIO DO NORDESTE. **Confecção de armadilhas para capturar camarão gera trabalho e renda para artesãos no Interior do Ceará**. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/regiao/confeccao-de-armadilhas-para-capturar-camarao-gera-trabalho-e-renda-para-artesaos-no-interior-do-ce-1.2988343#:~:text=A%20cadeia%20produtiva%20do%20camar%C3%A3o,artesanal%20com%20talas%20de%20carne%C3%BAb>

FEITOSA, Yuri Esmeraldo; GALEAZZI, Carolina Hartmann. Arquitetura popular sertaneja: o conforto térmico do pau a pique no sertão nordestino. In: **ARQUISUR - XXV Congresso de Escolas e Faculdades Públicas de Arquitetura da América do Sul**, 2022, Porto Alegre. XL Encontro e XXV Congresso de Escolas e Faculdades Públicas de Arquitetura da América do Sul, 2022. Disponível em: https://sisgeenco.com.br/anais/arquisur/2022/arquivos/GT4_COM_313_411_20220906050015.pdf . Acesso em 17 set. 2024.

FREITAS, Luís Carlos Bastos et al. **Projeto Geoparques: Geoparque Sertão Monumental, CE:** proposta. [CPRM], 2019.

HAIASHIDA, Keila Andrade. **Quixadá: centro regional de convergência e irradiação da educação superior (1983-2013).** Tese (Doutorado em Geografia). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014.

HOSHINO, Camilla. Limpar, arrumar, cozinhar: brincar de casinha é reinventar a vida. In: **Lunetas**, 09/01/2018. Disponível em: <https://lunetas.com.br/brincar-de-casinha-criando-e-reinventando-a-vida/> Acesso em: 12/08/2024.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). **Açude do Cedro no Ceará.** 4ª Superintendência Regional do Iphan/CE. Processo: nº 1082-T-83, Julho de 1984, 89 p.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). **Inventário nacional de referências culturais:** manual de aplicação. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2000.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). **Educação Patrimonial: Inventários Participativos/Manual de Aplicação.** Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2016.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Estrutura Territorial.** Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/geociencias/organizacao-do-territorio/estrutura-territorial.html>. Acesso em: 9 maio 2025.

LOPES, Wilza Gomes Reis et al. A taipa de mão em Teresina, Piauí, Brasil: a improvisação e o uso de procedimentos construtivos. In: **DigitAR**, nº. 1, 2013, pp. 70-78, Disponível em https://www.uc.pt/uid/cea/downloads/digitar_1_comp Acesso em 12 ago. 2024.

MACIEL, Caio; PONTES, Emílio. **Seca e convivência com o semiárido: adaptação ao meio e patrimonialização da Caatinga no Nordeste brasileiro.** 1ª ed. Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2015.

MONTEIRO, Jonathas Viana; NORÕES, Alana Kedylla Monteiro; ARAÚJO, Rogério César Pereira de. Análise da Preferência do Pescador Artesanal do Município de Pentecoste (CE) por Programas de Peixamento. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, v. 56, p. 483-500, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/resr/a/8jBHpzFWkzHC978LzhPjWYj/#>. Acesso em 18 set. 2024.

MONTEIRO, Renata Felipe. **Um monumento ao sertão: ciência, política e trabalho na construção do Açude Cedro (1884-1906).** Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará. Pós Graduação em História, Fortaleza, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/6146>. Acesso em 12/08/2024.

MONTEIRO, Renata Felipe. Um monumento ao sertão? Expectativas diversas em torno da construção do açude Cedro, em Quixadá-CE (1884-1906). **Mundos do Trabalho**, Florianópolis, v. 12, p. 1-15, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/mundosdotrabalho/article/view/75108/45026>, acessado em 08 de dezembro de 2023.

NITO, Mariana Kimie (Org). **Inventário participativo Arouche LGBTQIA+.** São Paulo : FFLCH/USP, 2023. Disponível em <https://www.livrosabertos.abcd.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/1036> Acesso em 11.nov.2024.

O CANGACEIRO Trapalhão. Direção de Daniel Filho. Rio de Janeiro: Renato Aragão Produções Artísticas, 1983, 90 min.

PAULINO, Regis da Cruz; SILVEIRA, Andréa Pereira; GOMES, Vaneicia dos Santos. Flora de Inselbergues do Monumento Natural Monólitos de Quixadá, no sertão central do Ceará. **Iheringia**, [S. l.], v. 73, n. 2, p. 182–190, 2018. Disponível em: <https://isb.emnuvens.com.br/iheringia/article/view/450> acessado em 15 maio 2025.

REPEP. **Dossiê do Inventário Participativo Minhocão contra gentrificação**. 2019. Grupo de Trabalho Baixo Centro da Rede Paulista de Educação Patrimonial, São Paulo, 2019.

PEREIRA, Alexandre Queiroz. Caracterização das atividades terciárias no centro urbano de Quixadá-CE. **Boletim Gaúcho de Geografia**, v. 41, p. 157-173, 2014. Disponível em <https://seer.ufrgs.br/index.php/bgg/article/view/42401> Acesso em 09.jul.2025

PEREIRA, Alexandre Queiroz. Quixadá: da região ao centro urbano. Quixadá: da região ao centro urbano. In: SILVA, Lucas da.; PEREIRA, Alexandre Queiroz; AMARAL, Eduardo Lúcio Guilherme do. (org.). **Sertão Central Cearense: turismo, meio ambiente e desenvolvimento regional**. Recife: Imprima, 2016, p. 45-67.

PEREIRA, Alexandre Queiroz. O centro urbano de Quixadá. In: CONGRESSO DE PESQUISA E INOVAÇÃO DA REDE NORTE NORDESTE DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA, 5., 2010, Maceió. **Anais [...]**, Maceió: Ifal, 2010. p. 1-7.

PISANI, Maria Augusta Justi. Taipas: a arquitetura de terra. **Revista Sinergia**, v. 5, n. 1, p. 09-15, 2004. Disponível em <https://brutus.unifacol.edu.br/assets/uploads/base/publicados/a19ebaf463874ee871acbf723b9a2913.pdf> Acesso em 12 fev. 2024.

REVISTA CENTRAL. 630 famílias do entorno do Açude Cedro serão expulsas e casas demolidas de forma arbitrária pelo DNOCS. **Revista Central**. Quixadá/Quixeramobim, 31 de julho de 2018. Disponível em: <https://revistacentral.com.br/630-familias-do-entorno-do-acude-cedro-serao-expulsas-e-casas-demolidas-de-forma-arbitraria-pelo-dnocs/> Acesso em 07 jul. 2025.

RIBEIRO, Dimitri Alexander Lenine Bivar et al. **Pesca artesanal como bem comum: Qual a contribuição da economia solidária para o alcance dos objetivos do ODS 14 nos países da América Latina e Caribe?** In: XXV SEMEAD, São Paulo, 2022. Disponível em: <https://submissao.semead.com.br/25semead/anais/arquivos/147.pdf>. Acesso em 21 de ago. 2024.

RIBEIRO, Rafael Winter. A invenção da aridez : representações da natureza, regionalização e institucionalização do combate à seca. Rio de Janeiro : Terra Escrita, 2021.

ROSENDAHL, Zeny. **Trilhas do Sagrado**. 1ª ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

SALES, Juscelino Alves. **Análise do açude Cedro no estado do Ceará**. International Journal Semiarid, v. 4, n. 4, 2021.

SALES, Juscelino Alves. Study of the Cedro Dam in the Central Hinterland of Ceará State. **International Journal Semiarid**, v. 4, n. 4, 2021. Disponível em <https://journalsemiarid.com/index.php/ijsa/article/view/90>. Acesso em 29/10/23.

SANTIAGO, Carlos Eduardo Pinto. Cenário socioeconômico de Quixadá – contextualização básica do território. In: NOGUEIRA, Sérgio Vitoriano Bezerra; SANTIAGO, Eduardo Girão; SILVA, Manoel Messias Moreira da. (orgs.). **A revolução dos monólitos: pioneirismo e trajetória do desenvolvimento sustentável em Quixadá**. Fortaleza: Gráfica LCR, 2010, p. 15-25.

SANTOS, Robson Willians. Barbosa dos. **Casa de taipa: habitação de negro e pobre no poxim tão antigo e tão atual**. Trabalho de Conclusão de Curso em História. Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Alagoas, 2022. Disponível em <https://repositorio.ifal.edu.br/handle/123456789/200> Acesso em 12 ago. 2024.

SILVA, Cláudio Antônio Vieira da. **Considerações sobre um patrimônio cultural brasileiro indicado à lista da UNESCO: o caso do açude do Cedro nos monólitos de Quixadá - Ceará.** PAPERS DO NAEA (UFPA), v. 29, p. 241-255, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/pnaea/article/view/10425>. Acesso em 12/08/2024.

SILVA, Claudio Antonio Vieira da. **Entre o espaço vivido e o espaço concebido: o desenho da preservação na raiz das tensões no açude e barragem do Cedro e nos monólitos de Quixadá, Ceará.** 2024. Tese (Doutorado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2024.

SILVA, Maria Angélica; ALCIDES, Melissa Mota; JARDIM, Alice Mesquita. A casa de taipa no Litoral Sul de Alagoas: registros escritos e visuais. **Revista Digital de Arqueologia, Arquitectura e Artes - digitAR.** Centro de Estudos Arqueológicos das Universidades de Coimbra e Porto Coimbra (Portugal), Janeiro de 2013, p. 88-94. Disponível em https://www.uc.pt/uid/cea/downloads/digital_1_comp Acesso em 10 set. 2024.

SILVA, Pedro Carlos Gama da; CORREIA, Rebert Coelho. **Cultivo da Mangueira.** EMBRAPA, Brasília, DF: Embrapa Semiárido, julho de 2004. Disponível em: http://www.cpatia.embrapa.br:8080/sistema_producao/spmanga/socioeconomia.htm#ocultivo Acesso em 20 set. 2024.

SOUSA, Emilene Leite de. **As casas, as estradas e os cercados: O sítio camponês a partir das classificações das crianças Capuxu.** Revista de economia e sociologia rural, v. 62, p. 1-26, 2024. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/resr/a/4mFbzZNLyL7R64BtydV8rZg/>. Acesso em 12/08/2024.

TV MONÓLITOS. Ordem de despejo dos moradores das imediações do açude Cedro é suspensa pelo diretor do DNOCS. YouTube, 8 mar. 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uP6U0o3-Ckk>. Acesso em 07 de jul de 2025.

VIEIRA, Clarisse Maria Telles. **Diagnóstico e perspectiva para o desenvolvimento da pesca artesanal no Açude Pereira de Miranda, Pentecoste-CE**, 2010. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente), Universidade Federal do Ceará, UFC, Brasil, 2010. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/16463/1/2010_dis_cmtvieira.pdf. Acesso em 20 set. 2024.

YOGI, Euriko dos Santos; BERTAZZO, Cláudio José; ALENCAR, Maria de Cléofas Faggion. Roçado, Sítio e Comunidade Senhor do Bonfim. In: BERTAZZO, Cláudio José (org.). **Agroecologizando no Cerrado.** Catalão: Retratando o Cerrado, 2016, v. 1, p. 97-131. Disponível em: <https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/173421/1/CL201720.pdf> Acesso em 15 de nov. 2023.

WANDERLEY, Maria Nazaré Baudel. Raízes Históricas do Campesinato Brasileiro. In: João Carlos Tedesco (org.). **Agricultura familiar: realidades e perspectivas.** Passo Fundo, RS: Universidade de Passo Fundo, 1999, p. 23-56.

WOORTMANN, Ellen Fensterseifer. Da complementaridade à dependência: espaço, tempo e gênero em comunidades "pesqueiras" do Nordeste. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 7, n. 18, p. 41-61, 1992. Disponível em https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7968465/mod_resource/content/1/Woortmann%20C%20E.%20F.%20Da%20complementariedade%20C3%A0%20dependencia.pdf. Acesso em 18 set. 2024.



ISBN: 978-65-84514-41-6